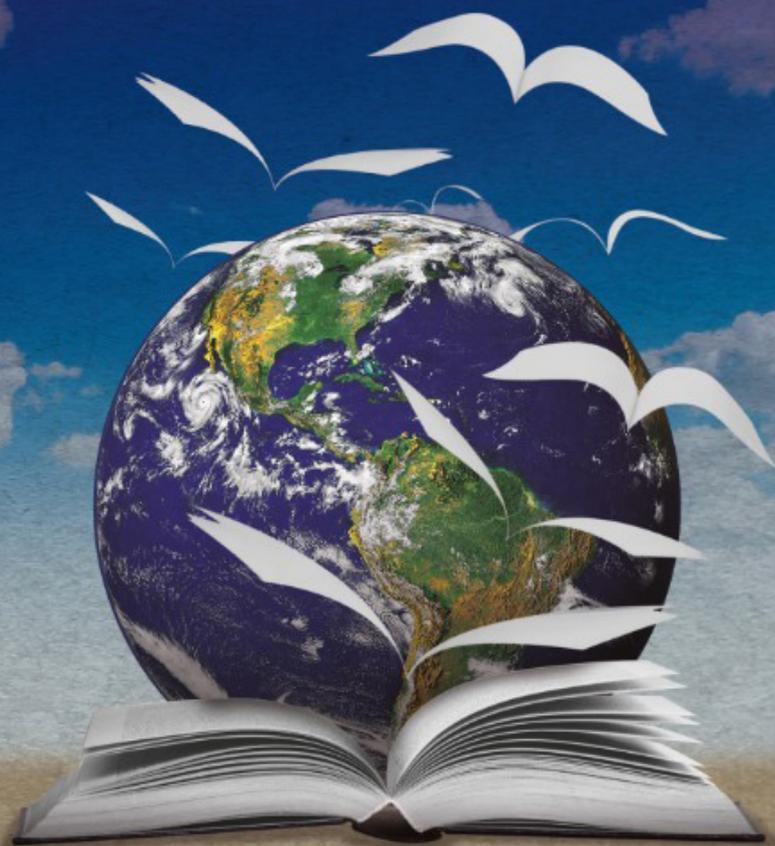


*Ruth Cavalcante
nos Caminhos da
Educação Libertadora*

Erbenia Maria Girão Ricarte



**EDIÇÕES
INESP**



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**RUTH CAVALCANTE NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

Erbenia Maria Girão Ricarte

**RUTH CAVALCANTE NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

INESP

Fortaleza - Ceará

2022

Copyright © 2022 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia, Valquiria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

José Gotardo Filho

Revisão

Lúcia Jacó Rocha

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

R487r Ricarte, Erbenia Maria Girão.
Ruth Cavalcante nos caminhos da educação libertadora [livro eletrônico] / Erbenia Maria Girão Ricarte. – Fortaleza: INESP, 2022.
114p. : il. color. ; 5020 Kb ; PDF

Inclui fotografias.

ISBN: 978-65-88252-87-1

1. Cavalcante, Maria Ruth Barreto. 2. Educadores – Brasil – Biografia. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 923.781

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674

Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

PALAVRA DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

A pesquisa científica e os demais trabalhos acadêmicos vêm colaborando, sobremaneira, para embasar a prática legislativa e para alcançar uma excelência, essencial e urgente, no fazer político. O presente livro é fruto de um estudo amplo sobre a história da educação e traz o exemplo inspirador de uma mulher, mãe, professora, militante e ativista política, social e pedagógica. Ruth Cavalcante trabalhou arduamente em prol de uma sociedade mais igualitária, com a diminuição das distâncias entre as pessoas, contribuindo, assim, para conduzi-las a uma vida melhor por meio da educação.

Abrir caminhos para a transformação dos cearenses em agentes de mudança social, levando-os a exercitar diariamente sua cidadania é objetivo comum entre a política e a educação, e proporciona liberdade, além de um diálogo aberto com o poder do Estado.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará - Alece, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, tem a honra de disponibilizar esta obra que faz parte da nossa luta por um Estado verdadeiramente comprometido com as questões sociais.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PALAVRA DO DIRETOR-EXECUTIVO DO INESP

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro Ruth Cavalcante nos caminhos da educação libertadora é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital" e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

SUMÁRIO

HOMENAGENS	12
HOMENAGENS ESPECIAIS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	13
LISTA DE FOTOGRAFIAS	14
APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	19
A PROFESSORA RUTH CAVALCANTE ENTRE A MILITÂNCIA E A DOCÊNCIA NO ATO DE ENSINAR	23
A FORMAÇÃO DA PROFESSORA RUTH E SUA ENTRADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACED- UFC NA DÉCADA DE 1960.	28
O contexto educacional brasileiro e cearense na década de 1960	34
NARRATIVAS DE RUTH CAVALCANTE: LIÇÕES DE LUTA E EXÍLIO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS.....	99
APÊNDICES	106

À

Vanessa e Letícia, minhas filhas; Clara, Izabel e Marinês,
minhas irmãs; Estelmo, meu irmão;
Joaquim Ernesto, meu companheiro;
Marcos Antônio, pai das minhas filhas, e Aline Araújo,
sua companheira Raimundo Milton e Maria Augusta, meus
pais, in memoriam!

HOMENAGENS

À FAMÍLIA BARRETO CAVALCANTE (E aos entrevistados informalmente)

Ao Joaquim Ernesto Barreto Cavalcante, meu companheiro, irmão mais novo da minha biografada, a quem dedica seu respeito, amor e admiração e que me deu acesso ao Sítio Buenos Aires onde eu pude conhecer a história da família.

Aos irmãos Chico e Ana Maria, que em muitos momentos dedicaram suas narrativas e lembranças para que eu fosse absorvendo a trajetória de vida da família.

À Myrtes, por toda atenção dispensada a mim quando procurei os documentos e homenagens à Ruth.

À Tereza Neuma, por colaborar com seus conhecimentos revisando essa obra.

HOMENAGENS ESPECIAIS

Acrísio Sena, meu amigo e chefe, que flexibilizou meus horários de trabalho me proporcionando cursar meu mestrado, que culminou com essa obra.

Minhas vizinhas Cleonice e Emmanuely, por não me deixarem morrer de fome nas noites e madrugadas de estudo!

Gratidão eterna!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional número 5
AP	Ação Popular
BEC	Banco do Estado do Ceará
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDH	Centro de Desenvolvimento Humano
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DCE	Diretório Central dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
FACED do Ceará	Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará
JEC	Juventude Estudantil Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei De Diretrizes e Bases da Educação
MEB	Movimento de Educação de Base
NHIME	Núcleo de História e Memória da Educação
PCBR	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PLAMEG	Plano de Metas Governamentais
UFC	Universidade Federal do Ceará
UJS	União da Juventude Socialista
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Família Barreto Cavalcante	41
Foto 2 -Sítio Buenos Aires	42
Foto 3 - Colégio Imaculada Conceição.....	44
Foto 4 - Sinhá Terta	47
Foto 5 - Ruth nos tempos da escola.....	56
Foto 6 - Turma do Ginásio – 1960.	57
Foto 7 - MEB 1966 – Interior do Ceará.....	62
Foto 8 - Soldados da Força Pública organizam em filas os estudantes presos em Ibiúna (SP), durante o 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) – Folhapress.....	65
Foto 9 - Cartaz de divulgação com os nomes dos principais líderes estudantis.....	67
Foto 10 - Ruth na Alemanha 1977 – Nascimento da Mariana..	81
Foto 11 - Com os pais, irmãs e irmãos, na chegada da Ruth do exílio na Alemanha.....	84
Foto 12 - Ruth com seus filhos Davi, Sara e Mariana	85
Foto 13 - Ruth e sua irmã Myrtes.....	99
Foto 14 -Ruth com as irmãs.	99
Foto 15 -Ruth na Alemanha.....	100
Foto 16 -Ruth com as irmãs e os pais na sua chegada da Alemanha	100
Foto 17 - 1989 Todos irmãos e irmãs – 70 anos da mãe Ana Barreto	101
Foto 18 -1996 – Formação com Paulo Freire	101
Foto 19 - Vivências com índios no Rio Grande do Sul – Guaraius 2000.....	102
Foto 20 - 2014 Homenagem na Câmara Municipal de Fortaleza.....	102
Foto 21 - 2015 Com o filho Davi, as filhas Mariana e Sara e a neta Mel – Homenagem na Assembleia Legislativa do Ceará	103

Foto 22 - Sítio Buenos Aires	103
Foto 23 - Momento da última entrevista, fev/2018. Ruth e Erbênia.	104
Foto 24 - Ruth com as filhas Mariana e Sara e a pesquisadora Erbênia no CDH.	104
Foto 25 - Ruth e suas notas Mel, Ana Liz e Vicente no Canadá	105
Foto 26 - Ruth visitando o filho Davi que mora no Canadá, com suas filhas Mariana e Sara	105
Imagem 1: Diário do Nordeste – Edição Especial – 30 anos do Golpe Militar. Homenagem as mulheres da ditadura.	106
Imagem 2: Placa de Reparação Pública do Estado do Ceará.	107
Imagem 3: Certificado de Homenagem do Senado Federal. Prêmio Bertha Luz.	108
Imagem 4: Placa de Homenagem do Senado Federal. Prêmio Bertha Luz.	108
Imagem 5: Comenda a Ruth Cavalcante homenageada pelo Sindicato dos Bancários do Ceará.....	109
Imagem 6: Homenagem a resistência feminina dos 50 anos do golpe militar.	109
Imagem 7: 2011 – Senado Federal.	110
Imagem 8: 2019 – Reexibição do Especial Memória e verdade de 2016, em homenagem à Maria do Carmo Serra Azul.	110
Imagem 9: Convite para participação no Projeto Memória do Movimento Infantil.	111
Imagem 10: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.1.....	112
Imagem 11: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.2.....	113
Imagem 12: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.3.....	114
Imagem 13: Arquivo Pessoal, professora Ruth Cavalcante.....	115

APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade

Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade
Federal do Ceará

A comunidade tem em mãos mais um lançamento proporcionado pela editora do Instituto de Pesquisa sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - INESP, da Assembleia Legislativa estadual. Trata-se do livro intitulado RUTH CAVALCANTE NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA, de autoria da professora e pesquisadora cearense Erbenia Maria Girão Ricarte.

Muito me enobrece o espírito acadêmico ao receber o convite para traçar algumas linhas para apresentação do referido volume. Uma responsabilidade enorme, pois considero que todo aquele que apresenta uma obra é um retórico da palavra escrita que deve convencer os(as) leitores a adentrarem nas páginas do que está sendo apresentado.

Eis um livro que nasce grande, fruto de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de pós- Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará, pela importância do seu objeto de estudo em destacar as narrativas de uma professora militante, de uma militante professora, Ruth Cavalcante no seu ativismo político na vida social e da sua ação pedagógica no ambiente da sala de aula, no contexto dos anos do estado de exceção pós-64.

Uma mulher do seu tempo. Militante política nos "anos de chumbo" da sociedade brasileira, do último quartel de século XX, mestra seguidora dos ensinamentos do educador Paulo Freire. Por entender a educação como ato político, militância e docência se confundem e são tomadas como substratos na esperança de uma sociedade plural e democrática.

Sem negligenciar a missão política ao ato de ensinar, fiel à filosofia educacional freireana, de promover pessoas para uma vida melhor, por via da educação, Ruth Cavalcante soube con-

duzir sua conduta de ativista e de professora na perspectiva de uma sociedade mais justa e igualitária, com a convicção de contribuir com a diminuição de distâncias entre ricos e pobres, que tanto caracterizam o dualismo social brasileiro.

O compêndio em apreço nasceu de uma exaustiva pesquisa de natureza biográfica, empreendida pela professora Erbenia Maria Girão Ricarte, enquanto catecúmena ao título de Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Ceará. O trabalho investigativo que gerou, se configura em um volume realizado com maestria, que garante à autora o estatuto de pesquisadora em História da Educação, na medida em que esta apresenta um olhar meticuloso sobre as fontes analisadas e construiu uma narrativa leve, atraente à leitura, mas criteriosa nos seus aspectos formais e metodológicos, numa demonstração de amadurecimento intelectual e de perspicácia investigativa, necessário a todo aquele(a) que se dispõe a pesquisa no campo disciplinar da história.

O produto final é o livro aqui lançado, ao olhar da sociedade cearense. Um texto bem organizado, disposto em três tópicos que se integram entre si, dando um sentido orgânico à narrativa histórica da vida pública e particular da professora tomada como estudo. No primeiro, a autora faz uma reflexão sobre a trajetória da profissional em destaque, articulando a sua formação acadêmica ao ingressar como aluna no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação

– FACED, da UFC e a sua atuação como militante política em defesa da democracia em pleno período de regime militar brasileiro. No segundo, uma apreciação das contradições da realidade escolar brasileira na época do regime de exceção, onde as instituições democráticas sofreram e os canais de comunicação social sofreram silenciamento em nome de uma política autoritária de combate ao pensamento livre. No terceiro e último, as reminiscências da professora Ruth Cavalcante, construídas a partir de depoimentos contados pela própria autora, por via de entrevistas realizadas durante a realização da pesquisa que dera origem ao referido livro. Por meio delas, os pormenores e as particularidades de uma mulher brava, mulher cearense, a

exemplo da heroína Barbara de Alencar, sem temer a procela de um mar tenebroso que tornava à deriva a política brasileira do final da década de 1960 e início da década de 1970, lançando guizos para chamar à atenção da sociedade em defesa da democracia e da garantia do direito à escola pública, numa época em que prendiam, torturavam e se exilavam dissidentes do regime de exceção, período sombrio, como está no verso cantado por Chico Buarque no samba intitulado, Vai Passar, de uma "página infeliz da nossa história" que ainda merece ser refletida sem rancores e idiosincrasias.

Louvo a iniciativa da profa. Erbenia Girão, em trazer à academia o estudo de mais uma mulher cearense, agora transformado em livro, que se destacara no campo da política e da educação, proporcionando às novas gerações, inspiração para tomada de atitudes em defesa das nossas instituições democráticas.

Convido todos à leitura da obra. Lembrem-se que uma história é sempre a história de um ponto de vista de seu autor(a). Nesse sentido, a autora, respaldada pelos princípios constitucionais de liberdade de expressão e de pensamento, exime-se de qualquer responsabilidade sobre alguma passagem no texto que porventura desagrade a alguém. No entanto, embevecida no espírito democrático, que norteia o pensamento social na academia, reconhece, ser bem-vinda qualquer crítica sobre o livro, tendo em vista a melhoria de uma próxima edição, desde que a mesma seja resultante de leitura.

Boa leitura para todos.

São nossos desejos.

Fortaleza, 04 de dezembro de 2021

INTRODUÇÃO

Este livro é um dos resultados da minha pesquisa do Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), da Faculdade de Educação (FACED), na linha de pesquisa em História e Memória da Educação do Núcleo de História e Memória em Educação

– NHIME, no período de Março de 2016 com defesa em Março de 2018, com o título, Narrativas da professora Ruth Cavalcante: Lições de educação, de militância e de exílio, no período de 1960 a 1980.

Tem como meta geral compreender e refletir a História e a Memória da Educação, em âmbito nacional e regional, a partir das narrativas da professora Maria Ruth Barreto Cavalcante, articulando sua trajetória e suas ações à Mediação Cultural, visto que a mesma, ainda sem formação formal, influenciava jovens estudantes universitários de várias áreas, em especial da Pedagogia, por sua imersão em movimentos políticos em prol da educação libertária, fruto de sua aproximação com Paulo Freire (1921-1997) e suas participações em movimentos eclesiais, estudantis e políticos, com alcance nacional e local, nas décadas de 1960 e 1970.

A problematização está fundada na mediação cultural que professores, militantes ou não, desempenham nas comunidades em que vivem ou fazem parte, sempre pensando a história como experiência humana, vivida a partir de necessidades, interesses e com antagonismos, num movimento contínuo entre teoria e empirismo e do diálogo com as evidências. Por mediação cultural entendemos a produção de conhecimentos e comunicação das ideias alimentadas por indivíduos direta ou indiretamente vinculados à intervenção político- social.

Quem é Ruth Cavalcante? Como ela chegou até Paulo Freire? Por que ela passou a ser considerada como uma pessoa subversiva à época de sua graduação em Pedagogia? Como entrou para a história local e nacional como uma das primeiras mulheres a ser presa no estado do Ceará na época da ditadura no Brasil? Como conseguiu escapar das torturas? Como foi seu

caminho após a fuga do Hospital Militar? Como chegou ao Chile e como saiu? Como se firmou na Alemanha? Como foi seu retorno para o Brasil?

Tais perguntas surgirão ao longo do trabalho, pois explicitar uma trajetória de vida implica passear nas várias esferas, momentos e épocas da vida do indivíduo. E dentre os muitos questionamentos que rodeiam a trajetória da professora está a sua formação, na análise da problemática educacional brasileira que aqui é colocada como um dos elementos macro de um todo social muito maior e mais complexo, que supera a concepção limitada do pedagogismo.

O interesse pela pesquisa não foi aleatório, partiu de um questionamento sobre professoras militantes e suas práticas educativas como herança de uma geração que não podia sequer falar, e da preocupação em encontrar algumas dessas professoras vivas, que conseguiram sobreviver à ditadura. Registrar essa realidade é eternizar a memória de quem sobreviveu e conseguiu, apesar de tudo, ser uma mediadora cultural, tanto nesse passado incerto como nos dias de hoje. Não podemos deixar de registrar, também, que trabalhar com narrativas docentes e,

em particular, da professora Ruth Cavalcante, nos remeteu a refletir sobre nosso papel enquanto professoras e mulheres, pois é impossível trabalhar com biografias sem nos voltarmos para o nosso próprio histórico, uma vez que as histórias de vida trazem uma ligação muito próxima entre o interlocutor e o pesquisador.

Nóvoa (2007) fundamenta as abordagens (auto)biográficas como possibilidade de ver esse sujeito-profissional e pessoal como sujeito de uma história que difere de outras histórias. O professor, nessa perspectiva, é objeto e sujeito da pesquisa, e a investigação não se pauta somente em suas ações como docente, mas em sua própria vida de professor. O que se busca é a sua trajetória para melhor compreender não só o pessoal, como também o profissional.

Podemos justificar ainda o trabalho no campo da pesquisa histórica e dialética da realidade social, compreendendo a biografada como um ser transformador e criador de seus contextos,

sujeito em ação, num movimento de diálogo entre a pesquisa, os registros e as fontes. “[...] esse trabalho de pesquisa histórica tem que ser sempre encarado como produção de saber e nunca como exercício ou treinamento. O exercício ou treinamento supõe a ideia de que a produção historiográfica, teórica, assume a forma de conhecimento acabado, isto é, de ideias instituídas.” (PILAR, 2005, p. 64)

Podemos justificar também o trabalho no modelo subjetivista por percebermos a categoria epistemológica como interpretação, onde o sujeito é criador da realidade, a compreensão dos fenômenos é feita com base na intencionalidade da consciência, onde o contato com o objeto é contínuo e prolongado, garantindo o rigor científico mesmo se distanciando do objetivismo, pois o uso contínuo da reflexão crítico-investigativa se faz presente em toda pesquisa.

Esse modelo subjetivista nos remete à questão do método “[...] considerar dessa forma o papel da metodologia não significa o abandono de critérios de rigor; ao contrário, significa, sim, a consciência de que a opção por determinada metodologia implica atitudes, posições e procedimentos coerentemente escolhidos e exaustivamente consistentes com as convicções estabelecidas.” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 109)

A metodologia escolhida é de característica histórico-autobiográfica, onde se faz uso de fontes orais, escritas e imagéticas através de pesquisa de campo, com entrevistas semiestruturadas abertas, com a narração espontânea da biografada, numa perspectiva de considerá-la como agente social, educadora, mediadora cultural e ativista.

O presente estudo tem como recorte temporal o período de 1943 a 1980, dividido em três partes: 1943 a 1956, da infância à adolescência, breves relatos da saída do interior para a capital; 1957 a 1967, sua entrada nos grupos de Igreja Católica, início da graduação em Pedagogia, envolvimento com Paulo Freire e com os movimentos pela educação e com a Ação Popular – AP; 1968 a 1980, sua primeira prisão no Congresso da União dos Estudantes - UNE, a segunda prisão na Universidade Federal do Ceará, a fuga, exílio e retorno para o Brasil. Assim, regis-

tramos uma parte da vida da professora Ruth Cavalcante, que, apesar de ter recebido uma educação conservadora, não se limitou às amarras do seu tempo, contracenando com centenas de outros atores sociais que pensavam a educação como forma de libertação, superando a opressão dominante e mediando cultural e politicamente os grupos dos quais fazia parte, deixando sua marca registrada até através de sua história e da atuação na Educação Biocêntrica, que hoje é sua principal atividade, além de professora universitária.

Para os dias de hoje, é relevante compreender a história da educação através de um paralelo do retrato da educação dessa época com a educação atual, principalmente no que diz respeito à mediação cultural desenvolvida por professores, pois os mesmos são sujeitos estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam com a educação, não sem tensões, mas com distinções, ainda que ocupem historicamente posição de reconhecimento variável na vida social. Através do passado, compreendemos melhor nossa realidade. "Ao trabalharmos com a memória de um tempo vivido por professoras aposentadas, desvelamos o passado, refletimos sobre o presente, pensando um outro futuro" (FREITAS, 2000).

Finalmente, convidamos à leitura oportuna desta obra.

A autora.

A PROFESSORA RUTH CAVALCANTE ENTRE A MILITÂNCIA E A DOCÊNCIA NO ATO DE ENSINAR

A proposta desta reflexão não é reconstruir a história de vida, muito menos a história dos partidos políticos e dos movimentos estudantis que ganharam as ruas do Ceará e de todo país, mas registrar as marcas, como hoje, no protagonismo de uma professora popular, cujo fazer pedagógico é narrado, revisitado e rerepresentado pelas memórias que emergiram nas entrevistas. Este exercício de pensamento que possibilita a reflexão da realidade pela História é a possibilidade de “[...] validar, no presente, determinadas leituras da realidade passada, uma vez que o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinadas inteligibilidades do passado [...]” (STEPHANOU e BASTOS, 2009, p. 417). A Memória, não sendo a História, são indícios, documentos de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido pelos indivíduos daquilo de que se lembram e esquecem, a um só tempo.

Não obstante todo o arcabouço de ideias e práticas que envolvem o processo de educação do ser humano, surge a educação pensada para a liberdade e para a emancipação da pessoa, através de seu grande idealizador Paulo Freire, filósofo e pedagogo brasileiro que se destacou no Brasil e no mundo desde a década de 50 por trazer outros conceitos sobre a Educação, conceitos estes que influenciou por toda a trajetória da professora e militante Ruth Cavalcante, inclusive a levando para muito perto do seu grande mentor no projeto de Alfabetização que ganhou larga visibilidade e amplitude no país nas décadas de 60 e 70 por se tratar de um método crítico e potencialmente formador, o método Paulo Freire¹.

Michael W. Apple, professor da Universidade de Wisconsin – Madison, um dos mais conhecidos especialistas interna-

¹ O Método Paulo Freire consiste numa proposta para a alfabetização de adultos desenvolvida pelo educador Paulo Freire, que criticava o sistema tradicional, o qual utilizava a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita. É a leitura da palavra, proporcionando a leitura do mundo. Fonte: Fazer Pedagogia. Disponível em: <<https://fazerpedagogia2.webnode.com.br/pensadores/2/>>

cionais na área do currículo e na análise das políticas educacionais e um dos principais difusores do pensamento freireano nos Estados Unidos, destaca que as numerosas obras de Freire serviram de referência a várias gerações de trabalho educacional crítico. Para António Nóvoa, professor da Universidade de Lisboa, Portugal, autor de diversas obras científicas no domínio da Educação, a vida e a obra de Freire constituem uma referência obrigatória para várias gerações de educadores.

No entanto, é importante destacar alguns aspectos de sua teoria epistemológica. Dentre tantos aspectos, destacamos de sua teoria: a crítica à educação bancária; a educação crítica como prática da liberdade; a defesa da educação como ato dialógico; a necessidade de o professor ser pesquisador e ter rigor científico nas suas aulas; a problematização e a interdisciplinaridade no ato educativo e a noção de ciência aberta às necessidades populares.

Nóvoa (2007) questiona: o que nos leva a ser professor? Enquanto que Huberman (2007) frisa que esse é um processo, que ser professor não ocorre assim do nada, mas, sim, das escolhas e de como vamos desenvolvendo a carreira docente. O tripé ação, reflexão, ação norteou e norteia ainda hoje as vivências e práticas educativas da professora Ruth Cavalcante, voltadas para uma humanização, no sentido de superação demonstrando em suas práticas a crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito histórico, como defendia Paulo Freire.

A prática pedagógica de Paulo Freire, conforme afirma Weffort, é o respeito à liberdade dos educandos, que nunca são chamados de analfabetos, mas sim de alfabetizandos. Ao educador cabe apenas registrar fielmente o vocabulário dos alfabetizandos e selecionar algumas palavras básicas em termos de frequência, relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica que apresentam, estas são as palavras geradoras.

Para ele, a educação requer, de forma permanente: a) O cultivo da curiosidade; b) As práticas horizontais mediadas pelo diálogo; c) Os atos de leitura do mundo; d) A problematização

desse mundo; e) A ampliação do conhecimento que cada um detém sobre o mundo problematizado; f) A interligação dos conteúdos apreendidos; g) O compartilhamento do mundo conhecido a partir do processo de construção e reconstrução do conhecimento.

Uma das grandes preocupações de Freire era a construção de uma pedagogia que possibilitasse ao educando condições reais de tomar decisões sociais e políticas. Para ele a ideia de liberdade só fazia sentido se fosse um desejo do povo e o processo de democratização e da liberdade eram conquistas que só se efetivariam através de lutas das classes populares, visto que as classes dominantes tinham como objetivo domesticar as classes populares.

A pedagogia da libertação possibilita aos educandos a conscientização e compreensão das estruturas sociais. Freire acreditava não ser possível a existência da educação fora da sociedade e cultura humana. A educação proposta por ele é uma educação como um ato de amor que não deve fugir do debate acerca da realidade, formando homens críticos que interagem no processo de democratização. O mais importante para Freire era construir uma pedagogia de comunicação que conseguisse fazer o diálogo entre saberes escolares e realidade social com uma visão crítica onde a consciência desabrochava e os envolvidos no processo poderiam perceber o valor da cultura e o seu papel ativo na construção cultural.

Com essa base epistemológica em Paulo Freire, mais a sua inserção na Juventude Estudantil Católica – JEC e posteriormente no partido político Ação Popular, foi que a Professora Ruth iniciou suas atividades educacionais antes mesmo de se formar em Pedagogia, antes de entrar para a faculdade. Convidada por uma de suas professoras do colégio em que concluiu o 2º Grau Pedagógico (nomenclatura usada na época), ela iniciou sua prática pedagógica no Movimento de Educação de Base –

MEB², agregando assim a prática de mediação cultural com o ato de ensinar, fortalecendo cada vez mais sua identidade, pois

[...] Identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor (NÓVOA, 2007, p. 16).

A partir dessa concepção, Ruth Cavalcante sustentou toda sua prática social, política e profissional, tentando das formas que lhe eram concedidas mediar cultural e criticamente todos os agrupamentos em que se envolveu, fosse no colégio como rebeldia por não entender porque tudo tinha que ser imposto e não conversado, fosse com as determinações do grupo de juventude ligado à Igreja Católica.

Inclusive no partido com uma centralização de gestão, e até na prisão com as pessoas que conviveram com ela, no exílio ou no cotidiano da vida essa dialética do que se vivia e do que podia ser transformado através de formação política e da educação é uma constante na vida da professora Ruth Cavalcante.

Através do seu ativismo pode comprovar que o método de Paulo Freire foi positivo e eficiente no que diz respeito à conscientização crítica do ser humano o levando a uma liberdade de ação, de poder transformador e de emancipação humana, assim ela recorda,

2 MEB, criado pelo Decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961, deveria executar um plano quinquenal (1961- 1965), que previa inicialmente 15 mil escolas radiofônicas, e deveria expandir-se nos anos subsequentes. Para cumprimento do decreto, foi assinado no mesmo dia um convênio entre o Ministério da Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O objetivo do MEB não era apenas a alfabetização, mas principalmente a mobilização social ou politização, através do conceito de conscientização. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-de-educacao-de-base-meb>

[...] tive época de ter três mil alunos de uma só vez, porque era pela escola radiofônica, em cada lugar tinha os monitores preparados por nós, e as aulas eram dadas pelo rádio e o monitor ia orientando. Era interessante porque a cada três meses eu tinha como função visitar as escolas [...] por orientação da equipe nacional tínhamos que visitar as escolas pra ter um contato direto com os alunos. Quando eu chegava era uma admiração geral, por causa da imagem que se tinha de professora como senhora, gorda, de óculos. De fato, eu tinha voz que parecia de uma pessoa mais velha. Quando não acreditavam que a professora era aquela menina. O trabalho do MEB foi a maior escola que eu tive! Porque além de estar trabalhando com essas pessoas, a produção das aulas... e eu tinha contato direto com a população, viajava para lugares onde nem tinha acesso a carros[...]

Essa fala traz à tona uma realidade muito presente na educação brasileira do início do século XX: a escassez de escolas públicas para atender a população, até mesmo porque a educação acabava sendo direcionada a uma pequena parcela da população brasileira que pagava por esta (SAVIANI, 2007). Não podemos esquecer que esse período foi muito conturbado, sendo marcado por movimentos oriundos do meio estudantil e de intelectuais, o que vai desencadear um otimismo em relação ao país.

A classe média começa a reivindicar seu espaço e a educação começa a ser percebida como a possibilidade de mudança, e o surgimento de uma nova sociedade, de forma que, através da transformação da pessoa, se poderia mudar a sociedade, revelando um período de otimismo pedagógico (PEREIRA, 1999; SAVIANI, 2007).

Por outro lado, essas reivindicações vêm ao encontro das ideias da Escola Nova e da ampla discussão na sociedade sobre o papel do Estado em prover a educação pública para a sua população, sendo de acesso a todos (SAVIANI, 2007).

A FORMAÇÃO DA PROFESSORA RUTH E SUA ENTRADA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACED- UFC NA DÉCADA DE 1960.

Ruth Cavalcante teve sua primeira experiência como professora logo após terminar o Curso Normal, por meio da sua professora de Português Ivone Garcia, que a convidou para assumir seu lugar no MEB de professora locutora, pois iria cursar Mestrado em São Paulo. Ruth, mesmo surpresa e sem experiência, aceitou o convite, após ouvir da professora que ela iria trabalhar em um projeto que tinha como base epistemológica a teoria de Paulo Freire e seu método de alfabetização. O grande sonho de Ruth estava prestes a se tornar realidade e ela iniciaria uma experiência que mudaria sua vida em todos os sentidos.

O MEB operava nas zonas mais atrasadas e subdesenvolvidas do país: Norte, Nordeste, Centro-Oeste e norte de Minas Gerais. Entretanto, em virtude do Decreto nº 52.267 do Governo Federal, em 1963 o MEB ampliou seu âmbito geográfico de atuação e se desdobrou em novas escolas e sistemas, a fim de atender todas as "áreas subdesenvolvidas do país". Embora oficialmente separada do Estado, desde a proclamação da República, a Igreja Católica em muitos momentos foi sua aliada. Essa aliança foi forte no governo nacional- desenvolvimentista dos anos 1950, por iniciativa dos bispos progressistas do Nordeste brasileiro.

O MEB tinha como objetivo inicial desenvolver um programa de educação de base, conforme definida pela Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, por meio de milhares de escolas radiofônicas, instaladas a partir de emissoras católicas. Após dois anos de funcionamento, reviu esse objetivo e, alinhando-se aos outros movimentos de cultura popular, passou a entender a educação de base como processo de "conscientização" das camadas populares para a valorização plena da pessoa e consciência crítica da realidade, visando à sua transformação.

Mudou também seu modo de atuação e o conteúdo das aulas radiofônicas, conforme retratado no Conjunto Didático

"Viver é Lutar" para recém-alfabetizados, que, apreendido por forças da direita, foi pedra de toque da repressão que se seguia ao golpe militar de 1964. Após 1964, ocorreu uma retração do MEB para algumas dioceses do Nordeste, Norte e Centro-Oeste. A partir de 1971, o MEB passou a atuar em convênio com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral).

Por ser ligado à Igreja Católica, foi o único movimento de educação popular que sobreviveu ao golpe. Apesar do estrangulamento provocado pela suspensão do apoio governamental, reviu seu modo de atuação, particularmente no que dizia respeito ao sistema rádio educativo. Nesse esforço, preparou o Programa para as escolas radiofônicas em 1965, com os respectivos manuais para os professores e textos de fundamentação, assim como o Conjunto Didático Mutirão (livros 1 e 2) e o Mutirão pela Saúde. Ao mesmo tempo, elaborou estudo específico sobre escolas radiofônicas.

No mesmo período, a partir das experiências realizadas em Goiás, nos "encontros" com a população, e no Maranhão, com o treinamento de líderes para o sindicalismo rural, e valendo-se do referencial teórico que fundamentava a ação de agências de desenvolvimento francesas no Senegal e no Marrocos, sistematizou o projeto de animação popular. A animação era uma forma de ação direta com as comunidades rurais, tendo em vista a crítica da situação por elas vivida e a superação de seus problemas imediatos, numa concepção de desenvolvimento integrado. Essa perspectiva permitiu-lhe original prática de participação popular, interrompida pelo endurecimento da ditadura, após 1968.

Em decorrência da apreensão do livro de leitura Viver é lutar e estando mantida a necessidade de dispor de material didático próprio, o MEB decidiu preparar outro conjunto didático, novamente para atender com prioridade o Nordeste. Esse conjunto foi designado Mutirão e sua elaboração foi antecedida pela montagem do Programa 1965 para as escolas radiofônicas, no qual estavam indicadas atividades relativas ao trabalho agrícola (preparo do terreno, plantio, colheita e venda), as operações e sistemas de trabalho referentes a cada uma dessas

atividades e o programa a ser desenvolvido (objetivos, atitudes motivadas pelos textos das lições, palavras-chave para a alfabetização e seus desdobramentos, conteúdos de matemática e relativos à promoção humana e à educação sanitária).

O conjunto didático compreendia o Mutirão 1, livro de alfabetização de adultos; o Mutirão II, livro de leitura para adultos, com o encarte Mutirão pra Saúde. Os dois últimos foram ilustrados por Ziraldo com desenhos a bico de pena, reproduzindo os traços dos bonecos de Vitalino. Foi preparado também um folheto com Instruções para aplicação dos livros de leitura Mutirão I e Mutirão II. Todos esses textos foram publicados em 1965 e, no mesmo ano, foi redigido o documento Escolas radiofônicas do MEB: notas sobre seus objetivos, sua programação e sobre o desenvolvimento dos alunos, publicado no início de 1966.

Ruth aceitou o convite e foi fazer sua primeira formação com a equipe nacional do MEB, nos dias 29, 30 e 31 de março de 1964 com participantes da Região Norte e Nordeste. Mas, ao término do encontro, dia 01 de abril, tomaram conhecimento de que tinham acontecido o golpe civil-militar. Os novos professores locutores começaram a viver a ditadura e a formação de novas turmas foi suspensa. Em uma fala, Ruth nos recorda:

[...] A equipe do MEB havia gravado os últimos episódios narrados nas rádios. Nós a princípio não acreditamos por ser o dia da mentira, mas estava tudo gravado. Os organizadores do encontro trataram de organizar a saída dos professores para cada um retornar ao seu estado. [...] E suspenderam tudo! [...]

Esse acontecimento, em abril de 1964, cessou o sonho de Ruth. Ela pensava que jamais teria a oportunidade de trabalhar sob a orientação de Paulo Freire e que tinha realmente acabado. Mas, em julho do mesmo ano, a equipe nacional do MEB entrou em contato com os professores e avisou que a ditadura havia permitido que o projeto continuasse, mas sob total vigilância da Polícia Federal. As aulas gravadas na rádio Assunção, em

Fortaleza, pela professora locutora Ruth, teriam que ser ouvidas antes de serem liberadas para os estudantes dos municípios no interior do Estado.

Ruth permaneceu dois anos como professora locutora, e por orientação da professora Luíza Teodoro, decidiu cursar pedagogia. Já estava em 1965. Ruth fez o exame de vestibular da UFC com os recursos que tinha, sem fazer curso preparatório, com as leituras e com a experiência adquirida. Ruth passa a ser aluna da UFC na FACED – Faculdade de Educação, no curso de Pedagogia, em 1966, á época, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

As memórias permitem compreender como a educação no campo foi acontecendo.

O envolvimento, a representação que o professor ocupava nesse período (décadas de 1950/1960) revelam a docência marcada pela persistência, afeto e reconhecimento social. As marcas da resistência se evidenciam no olhar dessa professora e transbordam ao rememorar histórias que se pautam pela determinação, pela coragem e pela vontade de levar conhecimento às pessoas que moravam distantes da capital, aspectos que a singularizava como professora por ser tão jovem e já tão decidida pelo caminho da docência, onde exerceu funções que transcenderam a materialidade do fazer pedagógico. Em cada localidade, em cada momento do seu percurso, estava acompanhada pelo fazer pedagógico que dizia da história do lugar, da preocupação com os espaços ocupados, do compromisso com as questões políticas e sociais, sempre pensando no coletivo.

[...] É evidente que a pessoa que mais sabe de uma dada trajetória profissional é a pessoa que a viveu. Do mesmo modo, a maneira como essa pessoa define as situações com que viu confrontada desempenha um papel primordial na explicação do que se passou (HUBERMAN, 2007, p. 55).

Ruth se foi construindo, em meio a todas essas mudanças, porque a mudança maior era ela, pois se sentia parte do todo.

Almeida (2001) afirma que as pessoas são resultado “das marcas do passado” que se acumulam com o passar do tempo; que elas são reveladoras do ponto de vista das construções, sucessos, crises, rupturas e permanências. O trabalho com memórias oportuniza que se conheça e se compreenda melhor o processo educacional de uma época. As lembranças dessa professora dizem daquele período de vivências de educação no campo, onde a mesma se foi constituindo ao mesmo tempo em que sua trajetória de professora vai sendo e acontecendo nesse espaço.

Ao iniciar o curso superior, Ruth, que era ligada à Juventude Estudantil Católica Cearense, automaticamente passa a ser da Juventude Universitária Cearense - JUC³, para pouco tempo depois já se filiar à Ação Popular, partido político formado em quase sua totalidade por estudantes oriundos da JUC. Assim que conhece a dinâmica da Universidade, Ruth já se aproxima do Diretório Central dos Estudantes - DCE da UFC, se candidata a uma das vagas de vice-presidente, ganha e passa a ser a primeira mulher a compor o grupo gestor. Então, começa a trajetória de aluna universitária, educadora e militante. De acordo com uma reportagem no Jornal Diário do Nordeste, de 1998, intitulada Cenas do passado,

Ruth Cavalcante era considerada a musa do movimento estudantil em Fortaleza. Esta loira dos olhos azuis foi a primeira mulher a entrar na direção do diretório Central dos Estudantes (DCE, da UFC, eleita como vice-presidente. Articuladora e líder respeitada, em 68, ela estava em todas as passeatas, concentrações e confrontos. Paralelo às atividades políticas, trabalhava como educadora, através do método Paulo Freire para alfabetizar adultos(...). Diário do Nordeste, Domingo, 20 de dezembro de 1998.

3 Associação civil católica reconhecida nacionalmente pela hierarquia eclesiástica em julho de 1950 como setor especializado da Ação Católica Brasileira (ACB). Seu objetivo era difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário. Desapareceu entre os anos de 1966 e 1968, quando a nova orientação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em relação aos movimentos leigos da Igreja provocou o esvaziamento da ACB. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/juventude-universitaria-catolica-juc>>.

Ruth estudava pela manhã e, à tarde preparava suas aulas do MEB, participava dos movimentos estudantis que eclodiram em Fortaleza. A noite eram transmitidas suas aulas pela rádio Assunção. Ruth iniciou a vida acadêmica em um período bastante conturbado para os estudantes. O curso de Pedagogia da UFC ainda estava tomando seus contornos, como nos relata o professor Antônio Carlos Machado, em seu artigo: Alternativas na formação do professor: o curso de Pedagogia da FACED – UFC, no qual se utiliza de dissertação da professora Maria Estrela para nos situar no primeiro período do curso de Pedagogia, que vai de 1963 a 1968, e que corresponde ao período em que Ruth entrou na Universidade;

(...) O primeiro período, de 1963 a 1968, caracteriza-se pela formação do educador generalista. Segundo a professora Estrela, a formação do educador generalista "pedagogo" adota o modelo das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Seu perfil profissional caracteriza-se por uma cultura geral na área da educação, com predominância na formação psicológica de linha cognitivista ou behaviorista. O Curso em si não proporcionava uma visão crítica da sociedade nem da educação, pois as leituras prescritas se fundavam no idealismo ou no positivismo. Esse período tem início com a Reforma Universitária regulada pela Lei 5540/68, votada pelo Congresso Nacional, já, submetida à tutela do regime militar iniciado com o golpe de 1964. A autora acentua que, se alguns alunos tinham uma visão crítica, esta era decorrente, sobretudo, do movimento estudantil e da participação em movimentos de cultura popular. (MACHADO, A. C. Almeida, 2013, p. 116)

Ruth se encontrava à frente desse processo de formação crítica porque vivenciava a experiência com a educação popular e de campo, já tinha formação política e já participava de movimentos sociais e estudantis. Sua prática antecede sua formação acadêmica, formação essa que não concluiu porque, em

1968, após sua participação no Congresso da UNE – União Nacional dos Estudantes, Ruth ficou impedida de retornar à Faculdade por ter sido enquadrada no decreto 477 que a impedia de cursar qualquer faculdade pública. Em 1969, teve sua segunda prisão, desta vez na UFC, no campus de Química, onde oferecia uma formação para docentes que queriam trabalhar como professores alfabetizadores, usando o método Paulo Freire, o qual já tinha bastante prática.

Não foi por acaso que na Faculdade de Educação da UFC surgiram as lideranças mais combativas desse período, que tanto se opuseram à violência imposta pelo golpe como lutaram pelo direito dos professores e alunos de terem uma formação mais crítica condizente com a nossa realidade. Machado (2013) conclui que “o curso de Pedagogia da UFC, que começou a funcionar em 1963, foi implantado em um momento rico da história contemporânea do Brasil em termos de ideias, propostas e lutas por mudanças(...)”. (MACHADO, A. C. Almeida, 2013, p. 122). Não foi por acaso.

O contexto educacional brasileiro e cearense na década de 1960

A década de 60 do século passado foi marcada por revoluções e deixou um legado de lições bem como um triste e irreparável momento da nossa história nacional, pois foi nesse período que se instaurou a ditadura militar, mais especificamente em 1964, regime marcado pela repressão, violência, censura e principalmente pela falta de democracia. Em 1968, foi decretado o Ato Institucional nº 5, o AI-5⁴, que foi o mais repressivo da ditadura militar, pois, proibia as manifestações políticas, a censura aumentou, o habeas corpus foi cancelado e a violência militar contra pessoas chegou ao seu mais alto nível de agressões

4 O AI-5 (Ato Institucional número 5) foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). É considerado o mais duro golpe na democracia e deu poderes quase absolutos ao regime militar. Redigido pelo ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva. Fonte: VILLA, Marco Antonio. A História das Constituições Brasileiras: 200 anos de luta contra o arbítrio. São Paulo: Editora LEYA, 2011.

e torturas, que levaram muitos jovens de movimentos sociais, artistas e intelectuais às prisões, às torturas e muitos desapareceram e até hoje não foram encontrados.

Sobre esses fatos, Vasconcelos esclarece em relação à violência gerada nesse contexto, marcada simbolicamente pela exclusão, negação de identidade, perda de relações afetivas e de interdição discursiva:

“Nessa construção simbólica, o autoritarismo brasileiro foi montando, ao longo do tempo, processos de controle sempre mais sofisticados, gerando no conjunto da sociedade um pânico generalizado e a afirmação ainda maior das ideias de Segurança Nacional. As torturas, as violências físicas que impunham sofisticadas técnicas de suplícios, complementavam cada vez mais o processo de pânico gerado na sociedade, passando a ser uma necessidade, no sentido de legitimar a cultura do medo. As práticas de tortura construíam canais de satisfação, numa suposta disputa, evidentemente desigual, entre torturador e torturado, entre a resistência baseada na firmeza dos ideais, e a fala, que poderia sugerir a delação e, conseqüentemente a morte simbólica do herói, cujo objetivo fundamental era matar o sujeito moral do revolucionário de esquerda: até quando esse embate poderia ser lembrado ou se fixado na história sem lamentos, sem expressar os dias e as noites sofridas nos porões, nas salas de medo, nos gemidos dos companheiros ou nas buscas incessantes da família” (VASCONCELOS, p. 34, 2016).

Mas foi também uma época de grande revolução cultural. Na música surgiu a Jovem Guarda influenciada pelos cantores ingleses e norte-americanos da época, como os Beatles e Elvis Presley. O Tropicalismo, que misturava pop, rock e cultura brasileira, criticava a ditadura e levou muitos artistas ao exílio ou à prisão. A moda era copiada da Europa, mais particularmente de Milão e Paris. A TV em cores chegava aos lares.

No segmento educação, nesse período tivemos a aprovação da Lei n.º 4024, que estabelecia as diretrizes e bases da educação nacional – LDBEN/61. Seus dispositivos mais significativos foram: o setor público e o setor privado tinham o direito de ministrar o ensino em todos os níveis; o Estado podia subvencionar a iniciativa particular na oferta de serviços educacionais; a estrutura do ensino manteve a mesma organização anterior, ou seja, ensino pré-primário, composto de escolas maternas e jardins de infância, ensino primário de quatro anos, com possibilidade de acréscimo de mais dois anos para programa de artes aplicado, ensino médio, subdividido em dois ciclos - o ginásial, de quatro anos, e o colegial de três anos. Ambos compreendiam o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores), ensino superior, flexibilidade de organização curricular, o que não pressupõe um currículo fixo.

No panorama da situação educacional no Brasil, retratamos, de 61 a 64, uma centralização do poder pela criação do Conselho Federal de Educação que garantia soberania do sistema, centralizava as medidas relativas à educação pela adoção de um plano respaldado pela Carta de Punta Del Este⁵ e por decisões de nível mundial, favorecendo assim uma imitação de outros modelos educacionais, levando em consideração apenas o fator econômico e político, que precisava de alunos produtores, consumidores e portadores de mão-de-obra para a indústria.

De 64 a 69, o Brasil passa por um período de desenvolvimento econômico que privilegia as classes alta e média. Ao invés de ampliar o desenvolvimento autônomo, passamos a viver no sistema de dominação, e a educação se vê diante da ditadura militar. Buscando na história do país fatos ligados à educação,

5 Programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina formalizado quando os Estados Unidos e 22 outras nações do hemisfério, entre elas o Brasil, assinaram a Carta de Punta del Este em agosto de 1961. De acordo com o documento, os países latino-americanos deveriam traçar planos de desenvolvimento e garantir a maior parte dos custos dos programas, cabendo aos EUA o restante. A administração dos fundos norte-americanos competia em sua maior parte à United States Agency for International Development (USAID — Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional).

podemos recordar de 1946 até 1961, quando a busca por uma educação democrática foi sucumbida pela igreja e pela política para que o sistema sobrevivesse. A aprovação da LDBEN de 61 favoreceu a educação, mas com o propósito de atender à era econômica do desenvolvimentismo do país, que naquela época se fazia emergente.

A utilização da TV (TV Educativa), a ampliação do material didático (fornecido pelo governo) e a reformulação do ensino médio e primário, e posteriormente a reforma do ensino superior, em 1968, são características da educação na década de 60. Reforma essa que antecedeu lutas de alunos e professores com o intuito de imprimir novos rumos na vida acadêmica nacional.

A reforma universitária possibilitou a profissionalização dos docentes e criou condições propícias para o desenvolvimento tanto da pós-graduação como das atividades científicas no país. Nesse sentido, a educação tinha um papel importante no processo de legitimação pelo grau de abertura da sociedade. Uma sociedade em processo de industrialização e de democratização deveria mostrar um sistema de estratificação social mais fluído, porém discentes e docentes teriam que se moldar ao sistema ou o sistema não os aceitava. Por trás dos avanços alcançados, passamos a ter grande parte da sociedade apavorada, sucumbida e uma outra parte alienada. E as escolas e universidades se fragmentando, onde a estrutura da sociedade era obedecer ao Estado forte que se utilizava dos piores artifícios para mandar, forjar, pressionar e calar.

Concomitante ao tempo que se anunciara de pressões, acontecimentos históricos também ocorriam nas várias esferas nas capitais do Brasil. No Ceará, logo no início da década foi inaugurado o açude de Orós. Em Fortaleza, o Cine São Luíz foi aberto, foi criado o Banco do Estado do Ceará – BEC. como já citado, o Governador era Virgílio Távora, que assumiu em 1963, mas a fase mais difícil foi na gestão de Plácido Castelo, a partir de 1966, pois foi a época em que os estudantes e trabalhadores começaram a ser presos e torturados. Posteriormente, na gestão de César Cals, sucedeu o auge do regime militar. Foi nesse pe-

ríodo também que muitos cearenses participaram da Guerrilha do Araguaia. Essa conjuntura foi marcada pela super exploração das classes trabalhadoras e por um processo de concentração de empresas e capitais.

No que tange à Educação, no Ceará, no começo da década de 1960, tínhamos das 725 mil crianças em idade escolar, apenas 316 mil frequentando a escola. A taxa de analfabetismo era de 66%, uma das mais altas do país. Mas houve apenas um esforço para abrir algumas poucas escolas de ensino médio, que à época recebiam a denominação de Escolas de 2º Grau. Nessa mesma época, alunos e professores de escolas públicas reivindicavam que os salários dos professores fossem equiparados aos salários dos professores do Liceu do Ceará, que chegavam a ser iguais ao salário de um desembargador. Com essas e outras questões, como a alta taxa de analfabetismo, oferta de escolas primárias, mais ofertas de vagas nas universidades e a Educação a serviço dos interesses econômicos, os movimentos estudantis ganharam espaço e força. Mais tarde viriam a ser perseguidos e considerados como subversivos à sociedade.

O período seguinte da gestão de Plácido Castelo apresenta-se repleto de turbulências políticas, marcado por atos sucessivos de medidas arbitrárias, lançando sobre o País momentos de inquietação. Num curto espaço de quatro anos, o quadro político viu-se forçado a conviver com a sequência de três Constituições, duas Emendas Constitucionais, um Adendo à Constituição de 1967, três Atos Complementares e 14 Atos Institucionais. Conquistas democráticas foram severamente atingidas, impondo-se normas de procedimento só compatíveis com os regimes de exceção. Nesse período, os movimentos estudantis foram desarticulados no Ceará, as lutas pela educação foram caladas, e a sociedade passou a viver à margem do pior momento de caça a todas as pessoas que fossem oposição ou contra as novas normas ditadas. Todos os projetos voltados à Educação foram cancelados.

NARRATIVAS DE RUTH CAVALCANTE: lições de luta e exílio

[...] Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque apenas é uma chave para tudo o que veio antes e depois [...] (BENJAMIN, 1994, p. 37)

Maria Ruth Barreto Cavalcante é psicopedagoga pela Escola Superior de Pedagogia de Colônia, Alemanha. É diretora e fundadora do Centro de Desenvolvimento Humano – CDH, de 1981 até hoje. Pós-graduada em Educação Biocêntrica e Psicologia Transpessoal. Nasceu em Pedra Branca, interior central do Ceará, em 16 de abril de 1943, filha de Francisco Vieira Cavalcante e Ana Brasil Barreto Cavalcante. Dessa união, na ordem do mais velho para o mais novo, nasceram: Maria Tereza, Aroldo, Neuma, Ruth, Myrtes, Gilberto, Ana Maria, Francisco, Tereza Neuma, Joaquim Ernesto, Maria Sílvia, Adelaide e Ana Cristina. Além dos irmãos paternos, Deusimar, Guiomar, Álvaro, Ernestina, Antonieta, Júlio e Maria do Carmo. Seu pai, um comerciante e fazendeiro de grande prestígio na cidade de Pedra Branca, era conhecido por ser um homem de poucas palavras e muito sério, mas muito respeitoso com todos independente de classe social. Sua mãe era uma dona de casa amorosa, dedicada e receptiva. Muito católica, sempre esteve à frente das festividades da Igreja e solícita à população mais carente de Pedra Branca.

No ano de nascimento de Ruth, o mundo vivia meados da Segunda Guerra Mundial, a Itália tinha acabado de se render aos países aliados, vários pracinhas cearenses estavam cedidos para combater como aliados da guerra. Berlim foi brutalmente bombardeada, sofrendo enorme devastação.

No Brasil, as mulheres puderam ingressar no Exército Brasileiro e 146 foram enviadas para atuarem no Exército norte-americano. Foi o ano da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), editada pelo então presidente Getúlio Vargas. Pedra

Branca havia se desmembrado do município de Mombaça há apenas oito anos e se tornado Vila. Até 1943, era formado por dois distritos: Pedra Branca e Troia. Durante a primeira década após o nascimento da professora Ruth, seu município fornecia feijão mulatinho, algodão e milho para a capital, Fortaleza, ainda embarcados em mulas até Senador Pompeu para serem descarregados no trem.

Assim, Ruth narra as principais recordações da sua primeira infância em Pedra Branca, numa entrevista completamente aberta, sem muitas intervenções e no lugar onde ela nasceu e cresceu. O espaço foi, exatamente, o sítio da família em Pedra Branca, alguns meses após a morte de sua mãe:

- Sou a quarta filha do segundo casamento do meu pai, mas como ele já tinha sete filhos do casamento anterior, sou então a décima primeira filha. Quando nasci, meu pai já tinha 50 anos. Ele é mais velho do que eu, exatamente, 50 anos. Minha mãe tinha 24 anos, era praticamente da idade dos filhos do meu pai. Mamãe era uma pessoa muito afetiva, o arquétipo da mãe, protetora, cuidadora. Achava que essa era a missão dela: ser mãe. Isso, para nós, foi um privilégio muito grande, ter uma mãe que considerava que a sua missão era ser mãe. Não sei se para ela era o melhor, mas para nós, sim! Eu já nasci nessa família grande. O papai nos dava muita segurança. Nós não sabíamos de problemas, ele não deixava transparecer problemas financeiros, políticos, nada! Vivíamos num clima de uma segurança. Segurança econômica, segurança afetiva, que era o mais importante. Eu diria que nós éramos crianças muito felizes[...].

Foto 1 - Família Barreto Cavalcante



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

A realidade do momento no Brasil, que vivia o Estado Novo, de Getúlio Vargas, os avanços da economia e o aumento populacional marcaram a década do nascimento de Ruth. Em sua cidade, os problemas da seca, do recrutamento de jovens de Pedra Branca e cidades vizinhas para participarem da segunda guerra, não alcançaram o Sítio Buenos Aires de propriedade da família Barreto Cavalcante, a menos de um quilômetro da casa situada na praça central da cidade, de frente para a igreja matriz, onde a família se dividia em momentos de convivência.

Ruth cresceu em meio a dois ambientes de extrema proteção e apego familiar, numa família grande de 13 irmãos mais os outros sete do primeiro casamento de seu pai. A casa recebia muitas pessoas o dia todo, como relata nossa narradora:

[...]nós tínhamos dois espaços de vida, a casa da cidade, num ponto central da cidade. Da calçada,

dava para ver o altar da igreja, de tão próximo que era. O outro espaço era o sítio, que permanentemente, quando precisava fazer alguns consertos na casa, quando era férias, e voltávamos do colégio, vínhamos para o sítio, que era outro espaço de profundo contato com a natureza, de contato com as pessoas simples, e de muita gente. Teve uma época, em que a mamãe tinha cinco empregadas em casa porque ela ia agregando os familiares que assumiam a função de babá. A partir disso, nós crescemos sem preconceitos sociais porque, dentro daquela concepção feudalista, nem dinheiro circulava" (Ruth levanta os ombros pra transparecer a naturalidade das coisas da época).

Foto 2 - Sítio Buenos Aires



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Assim foi marcada sua infância e, em meio às suas narrativas, nos remetemos a Ricouer, quando ele alerta para a questão da Representância: "A representância, posso dizer, exprime a opaca mistura entre a lembrança e a ficção na reconstrução do passado." (RICOEUR, 2012, p. 336). De forma que a tarefa da história não é julgar os acontecimentos do passado, mas mostrar os acontecimentos tais como eles efetivamente ocorreram. Nesse sentido, o "tal como" da fórmula designaria apenas a função de lugar-tenência; "O que 'realmente' se passou continua assim inseparável do 'tal como' efetivamente se passou" (RICOEUR, 2000b, p. 366).

As lembranças de Ruth são bem representadas pela ênfase, pela entonação de sua voz e pelos engasgos durante as entrevistas. Retomar esses momentos de alegria e de saudades é reviver memórias coletivas como Eclea Bosi destaca: "Às vezes há deslizos na localização temporal de um acontecimento... Falhas de cronologia se dão também com acontecimentos extraordinários da infância e da juventude... Logo adiante, lembra que "uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais" (p. 419, grifos nossos).

Nesse contexto de reviver momentos, Halbwachs, na esteira de Durkheim, não se refere à memória em si, mas aos quadros sociais em que ela é produzida. A memória não é, para ele, fruto do sonho, mas do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do passado. E nessa concepção se encaixam as reminiscências da professora Ruth, quando ela narra as passagens de sua vida,

[...] A minha infância, pelas lembranças que tenho, não teve, eu diria, nenhuma situação traumática, de morte, de algo que marcasse. (pausa na fala). As lembranças que tenho são de acolhimento, de vida coletiva, de ter essa sensação de proteção, mas tudo isso na primeira infância e início da segunda, porque depois que nós terminávamos o curso primário da época [...], o grupo escolar tinha o nome do meu pai[...] depois nós tivemos que sair de Pe-

dra Branca para ir para Fortaleza, estudar no colégio interno. Eu tinha nove anos de idade. Saía de uma vida totalmente livre, em contato com a natureza pra ir para um lugar diferente culturalmente, como era o colégio, e ia conviver com as filhas dos governadores, com as filhas dos deputados e que tinham outra (ênfase na fala) visão de mundo diferente da nossa. Aquilo, para mim, era chocante. Ver as pessoas com essas diferenças culturais, sociais, econômicas, (suspiros) eu não compreendia. De onde aquele povo tirava aquelas ideias (olhos arregalados) [...] era um choque cultural muito grande. O que minimizava um pouco é porque já tinha internas outras irmãs, do primeiro casamento. Elas todas estudaram no mesmo colégio. Tinha uma tia delas, praticamente uma tia nossa também, que era a vice-diretora. Então, nós chegávamos ao colégio e já tinha esse espaço também de proteção. No meu caso, quando cheguei, já estava a Maria Tereza e a Neuma, que eram as minhas duas irmãs mais velhas. A Maria Tereza super protetora, cuidava demais de mim, mas não deixava de ser um grande sofrimento[...]

Foto 3 - Colégio Imaculada Conceição



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Ainda na concepção de Halbwachs, não se trata de reviver o passado tal qual ele possa ter sido, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades. Ninguém melhor que o velho, pondera Halbwachs, para exercer a função social de lembrar. E para finalizar as primeiras recordações de Ruth em Pedra Branca, destacamos os momentos mais relevantes de suas recordações. A despedida para o colégio interno em Fortaleza:

[...] É tanto que quando saíamos de casa, que íamos nos despedir, era um drama! (ênfase na fala). A primeira coisa que papai dizia era: Vá se despedir de Sinhá Terta. Sinhá Terta era uma velhinha que veio desde o primeiro casamento do papai. Quando a mamãe se casou, papai tinha cinco anos de viúvo e a Terta morava com ele. Ela foi nossa mentora principal, ela não era nossa babá. A Terta era quem cuidava da cozinha, mas era a representação de maternidade também e escondia nossas travessuras, coisas da gente também. Por exemplo, eu chupei bico até cinco anos de idade, e era proibido e aí eu guardava o bico no bolso da Terta e chupava aquele bico cheirando a cachimbo, cheirando a fumo, e não fazia a menor diferença. Quando era de noite, que íamos dormir, mamãe estava sempre com o mais novinho no quarto, nós íamos para a rede da Terta. Quando eu chegava, já tinha dois, três. Eu não sei como é que ela dormia[...]

As lembranças da primeira infância invadem a memória da professora Ruth, como coloca Batelet, “fica o que significa”. Podemos assim dizer que o movimento que constrói a memória é feito de diferentes caminhos. Então, quando a professora, no meio da sua narração coloca outros personagens é porque foram os momentos e as pessoas que ficaram, que deram significado e que fizeram a diferença na sua vida. Narrar é viver um pouco mais, pois

[...] uma narração é, em grande parte, mais uma reinterpretção do que um relato. É o facto de querer

dar um sentido ao passado e de o fazer à luz do que se produziu desde então até o presente que nos leva até um modelo mais transformacionista, mais "constitutivista" da memória do que aquilo que se imagina intuitivamente (HUBERMAN, 2007, p. 58).

As lembranças de Sinhá Terta, sem sombra de dúvidas, são uma das mais lindas da infância, pois trazem para a nossa narradora, momentos de afeto materno, como a mesma citou na fala anterior, e marcaram não apenas a vida de Ruth, mas de toda a família, como ela nos narra:

[...] ela não tinha registro de nascimento. Quando a mamãe foi fazer a aposentadoria dela, precisava do registro [...] Mamãe tinha uma didática muito grande de trabalhar com as pessoas sem chocá-las. (Ruth lembra e a fala engasga). A Terta era tão antiga que era chamada de sinhá; então, mamãe disse: -Sinhá Terta, poucas pessoas tiveram a oportunidade que você vai ter agora, que é de escolher a data do seu nascimento, você não tem registro e você vai escolher. Vamos fazer aqui um histórico, qual é a lembrança mais antiga que você tem da sua família? E ela respondeu: Olha, meu primeiro irmão nasceu nos três oito, e eu sou bem mais nova do que ele. Os três oito foi o ano da escravatura, eu devo ter nascido por aí. O papai nasceu em 1893, então a Terta deveria ser mais velha do que ele, ela deve ter nascido em 1890. E depois ela perguntou: E agora o dia, ela disse numa rapidez tão grande que parecia que já vinha planejando: Eu quero ter nascido no dia do aniversário da Ruivinha. Ela me chamava de Ruivinha. A mamãe disse: Pronto, a sua data é 16 de abril de 1890. E registrou a Terta assim.

Ainda nas mesmas lembranças:

[...] E a Terta era essa figura[...] passava todos os seus valores. Quando a gente menstruava, ela que nos orientava: Não pode passar debaixo do pé de limão de jeito nenhum, senão da hemorragia. Não

pode tomar banho de cabeça, tinha que tomar banho só da cintura para baixo[...] as histórias que contava eram fabulosas. Na minha monografia, que eu vou te dar depois, a parte mais bonita é de como eu fui me formando como educadora biocêntrica, e lá eu registrei que a Terta abria a saia dela bem larga e virava uma mandala e o centro da mandala era ela própria. A gente se deitava nas coxas, na perna, e ficava aquela mandala humana e ela contando aquelas histórias de trancoso, e a gente olhando o céu, as estrelas e a Terta dando cafuné e contando as histórias pra gente. Depois ela saía levando cada um para suas redes[...] A gente dormia de rede porque fazia xixi. No outro dia lavava só o fundo da rede (riso coletivo) e aí não tinha tanta despesa.

Foto 4 - Sinhá Terta



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

O despertar da narradora para o que viria ser sua profissão se deu ainda como criança e na presença da Sinhá Terta, querida por todos e que ainda hoje permeia as lembranças.

[...] quando eu me alfabetizei, descobri que a Terta era analfabeta, e pensei: Terta não sabia ler, não é

possível, todo mundo nesta casa sabe ler, só você não sabe. Pois eu vou lhe ensinar porque já aprendi. E a Terta: Ruivinha, que maravilha. A gente se sentava de noite, quando ela terminava o trabalho, com a lamparina, porque não tinha luz elétrica, e eu ia pelear, literalmente pelear, para ensinar a Terta. Era uma dificuldade tão grande porque eu não tinha metodologia. Como é que uma criança de seis, sete anos podia ter metodologia? Eu persisti[...] mas chegou um tempo em que conclui: Acho que não sei, eu não sei ensinar, não é você que é burra, sou eu que não sei ensinar. Creio que a Terta me deu o primeiro diploma de professora, porque ela achou que uma criança era capaz de ser sua professora. Foi ela quem me deu esse primeiro título[...] e eu me senti professora desde aquela época (emoção da narradora) além disso, todas as minhas brincadeiras centrais eram de professora.

Em meio a uma história, sempre nos remetemos a outras... é o que enfeita a narração e torna possível o exercício da memória, as mediações que passam ao longo do tempo, e esta é a razão pela qual o psicólogo William Stern pontua que "a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada" (apud Bosi, 1994, p. 68). Não seria diferente para Ruth, ao lembrar, depois de 50 ou 60 anos, o que marcou... o que ficou e o que a motivou em suas escolhas.

Em mais um momento de recordação, Ruth nos mostra, outra vez, a importância da convivência sem pré-conceitos, livre.

[...] quando tinha eleição, meus irmãos eram todos candidatos. Meu pai nunca se candidatou, mas era coordenador político. Sobrava aquela multidão de cédulas, e era uma maravilha para a gente brincar de escola. Pegávamos todos aqueles papéis, e eu era a professora, eu sempre era a professora[...] e tudo isso acabava quando chegava o colégio. No colégio se passava o dia inteiro de sapato e meia, de farda quentíssima. Éramos obrigadas a acordar de manhã para ir à missa às 5h da manhã, depois passávamos a manhã

toda (ênfase na fala) no estudo, sentadas... O nome do lugar era sala de estudo. A tarde é que ia para a aula, de tarde era uma maravilha, porque a gente se encontrava com as colegas, as colegas traziam revistas de fora para lermos, revistas proibidas, a revista Capricho por exemplo[...] O horário da tarde era uma maravilha. Embora na minha época o colégio tivesse 150 alunas internas[...] tinha uma cumplicidade muito grande entre as colegas, em contraponto aos desafios que a gente tinha com as freiras.

Ao chegar em Fortaleza, aos nove anos, Ruth foi ser interna do Colégio Imaculada Conceição, um dos colégios particulares mais caros da época, mas já com uma tradição de formar meninas, além de ser muito rigoroso e essencialmente católico. Era o início dos anos 50 do século passado, o Brasil vivia um momento de grandes transformações culturais e comportamentais. Copa do Mundo no Brasil, em 1950, e também o primeiro campeonato de Fórmula Um, início das transmissões de televisão com a TV Tupi, sendo a primeira da América Latina, em 51. A primeira bienal de arte internacional ocorrida em São Paulo. Em 53, tivemos a criação da Petrobrás, teve também o suicídio do Presidente Getúlio Vargas em 54, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto se consagram na Bossa Nova. Essa década, no Brasil, ficou conhecida como Anos Dourados.

Fora do Brasil, o mundo vivia as tensões da Guerra Fria, a guerra da Coreia, do Vietnã e a Revolução Cubana. Concomitante a essas tragédias, o mundo assistia ao início do Rock and roll, com Elvis Presley. E todos esses acontecimentos tiveram grandes repercussões na formação da geração dos anos 50 em todo o mundo. Com essa gama de informações e acontecimentos, Ruth foi-se formando, como pessoa, como mulher, como aluna, como militante... Desde os tempos de colégio, foi muito questionadora.

Após dois anos de internato, chega outra irmã de Ruth no colégio, a Myrtes. Então, eram quatro irmãs e quatro primas que formavam o bloco das Cavalcantes. E Ruth relembra:

[...] Quando acontecia uma coisa com uma, acontecia com as outras todas, porque éramos um bloco.

[...], mas mesmo assim era muito difícil! A maior maravilha era quando a gente vinha de férias. O papai tinha um engenho de cana de açúcar, e a moagem, época de produzir rapadura, era em setembro, exatamente o período em que estávamos no colégio. Mas sabe o que ele fazia? Ele deixava um pedaço do baxio para fazer a moagem quando a gente vinha de férias, só para nós! Nós nos sentíamos o máximo! [...] Vendo como é que acontecia a moagem. Para preparar a sobremesa que levaríamos para o colégio. Íamos puxar alfenim, rapadura, batida, tudo era para merendar no colégio. Essa é uma das lembranças mais lindas que tenho da moagem.

Quanto ao retorno para o colégio, com o passar dos anos, foi nascendo uma consciência.

[...] Chegando ao colégio, tínhamos também a compreensão mais científica do estudo que não tinha em Pedra Branca, as ideias mais novas na época, porque as freiras viajavam muito, faziam cursos fora, e elas traziam muitas novidades[...]. Eu fiz parte do nascedouro do estudo em equipe, porque antes o estudo era totalmente individualizado. Quando as freiras vieram do Rio de Janeiro com a proposta de ter um estudo de equipe, de estudar de quatro ou cinco pessoas... que loucura é essa? Para nós nos adaptarmos a esse tipo de estudo de ouvir o outro, da troca, do diálogo, foi todo um aprendizado[...]. Eu fiquei encantada com aquele negócio. Como é que a gente qualifica uma produção coletiva? Outra: chefe de equipe! Quando as freiras vieram trazendo essa ideia elas fizeram uma divisão. Pessoa que cuida da parte religiosa, da parte social, da parte artística, e elas mesmas nomeavam quem eram as chefes. Elas nos levaram para o auditório para explicar como é que funcionava esse trabalho de chefe de equipe. E explicavam, escolhiam as chefes e depois é que escolhíamos para onde queríamos ir. A maior liberdade era essa, escolher para onde é que queríamos ir. E quando elas leram os nomes

das chefes, tinha Ruth Cavalcante. Aí eu pensei: Vixe! (ênfase e riso) elas querem me desmoralizar, porque quem é que vai querer participar da minha equipe? [...] Elas estão botando isso para eu passar uma decepção bem grande e deixar de ser danada. A minha equipe era exatamente a equipe social, se levantaram todas as adolescentes de uma vez só! Espantei-me: o que é isto? Foi a primeira ideia que tive sobre liderança. Eu não sabia que era líder. Quando olhei para trás que eu vi, perguntei: Vocês querem mesmo? Então ficaram as que quiseram e nós fizemos uma verdadeira revolução[...] foi quando representamos "O pequeno príncipe!"

Nasce então a Ruth líder, revolucionária, questionadora e corajosa. A partir desse momento, foi percebendo que suas ideias e convicções já influenciavam as pessoas com as quais convivia e que as diferenças as uniam de alguma forma,

[...] uma colega do Colégio da Imaculada Conceição, pertencente à alta burguesia de Fortaleza, trouxe do Rio de Janeiro um LP gravado por Paulo Autran e o livro "O Pequeno Príncipe", de Saint-Exupéry. Decidimos fazer a peça também. A Neuma, minha irmã, foi uma das diretoras dessa peça[...] E quem vai ser o Pequeno Príncipe? Sou eu! A Mirtes, outra irmã, foi uma flor, a minha prima Gerda foi a serpente[...] foi um sucesso! Antes se fazia teatro com vida de santos, era só santo e nessa minha gestão como coordenadora da equipe, nós fizemos "O Pequeno Príncipe". Não choca com a visão religiosa delas, mas também não tem nada de pieguice religiosa. E apresentamos "O Pequeno Príncipe" só para as alunas internas. As freiras ficaram encantadas, porque nós criamos o figurino, tudo! [...] Quando as freiras disseram que poderíamos apresentar para as externas também. Fizemos quatro vezes a apresentação dessa peça, depois fizemos para as ex-alunas e foi outro sucesso. Tudo dentro da concepção de construção coletiva, de dar sentido às coisas, porque havia santo daqueles que

não tinha o menor sentido para ninguém. O Pequeno Príncipe tinha toda uma visão filosófica, das relações, do significado de amizade, visão mística de perceber o mundo. Foi um momento muito importante em nossa formação. E eu fui num crescente de ganhar espaço, que eu já não obedecia às freiras para nada (riso). Todos os anos elas diziam: Se a Ruth não prometer mudar de comportamento, não será mais aceita. O papai lia essa carta na hora do almoço, quando chegávamos do colégio. – Minha filha você se compromete? – Eu me comprometo! – Mas é sério? – É sério! E eu naquela hora achava que ia me comprometer também, para não causar tanto sofrimento a ele nem a mamãe. – Eu me comprometo, vou mudar totalmente! Voltava para o colégio, passava os dois primeiros meses bem direitinha, daqui a pouco começava! Começava minha revolta contra o estilo de educar. É tanto, que, no final do ano, eu fui expulsa. Já era 1960, eu tinha dezesseis anos. Elas me deixaram terminar só o curso ginasial. Foi um problema. A mamãe quase que morre de chorar e o papai sofreu também. Foi minha primeira grande ruptura com a questão de espaço social e de eu também fortalecer minha identidade. Quem eu era.

Ruth já estava desabrochando para o que viria a ser. A militância já estava impregnada e só faltava correr o campo. A sede agora era de participar, de fazer a diferença, de lutar por espaços, de se engajar, visto que

“se engajar, é também colocar empenho em sua própria pessoa/personalidade, por uma duração não determinada de tempo, em campos diversos como a vida amical, amorosa, familiar, profissional, religiosa e assim se projetar pela promessa ou pela convicção em um futuro que o engajamento atua para defini-los. Assim, o engajamento não diz respeito somente às esferas políticas, sindicais ou associativas, mas ela atravessa toda essa diversidade de experiências sociais” (BECQUET e DE LINARES, 2005, p. 15)

Assim as autoras ressaltam a multiplicidade do processo de engajamento, que não se prende apenas às questões da esfera política, mas também na construção identitária, que a nossa biografada já estava sentindo a necessidade de encontrar, tanto nas relações amicais, como na sociabilidade, como narra a seguir:

[...] no outro ano, o papai decidiu que iríamos todas para outro colégio, "porque a Ruth vai ter que ir e vai ter que ir todo mundo junto". O segundo colégio, dentro da categoria de qualidade e ensino naquela época, era o Santa Cecília. E nós fomos para lá. Foi muito pior! Porque lá no Imaculada eu tinha uma relação, conhecia todos os espaços do colégio, conhecia as colegas, estudei oito anos lá. Para mim foi uma perda enorme. Eu tinha toda uma postura rebelde, mas não queria sair do colégio. No Santa Cecília foi pior porque eu já entrei com raiva. E lá era um colégio muito mais elitista. O colégio Imaculada tinha seus valores muito bem consolidados, mas o Santa Cecília queria se impor e era altamente elitista. Tinham a ideia de que quem sentava no chão era índio. - Vocês não podem sentar no chão! Como? No outro colégio a gente sentava! E eu ficava o tempo todo comparando com o outro colégio. [...] e quando foi perto do final do ano falei para o papai que eu não aguentava ficar e que não tinha a menor condição. Em conversa com o padre Tito, na intenção de ele intermediar com as freiras, ele me alertou: - Vocês não têm perfil para viver num colégio desse, vão lá para o Santa Isabel, que é um colégio na periferia de Fortaleza, tem um outro estilo, tem muito mais liberdade. E, então, eu sugeri para o papai mudarmos de colégio. O pior é que as outras irmãs tinham que ir atrás, e as primas. A Neuma já tinha terminado e a Maria Tereza também. Veio a Ana Maria. Ficamos eu, a Mirtes e a Ana Maria no Colégio Santa Isabel!

As mudanças muitas vezes são necessárias. Ruth, não hesitou em procurar novos rumos, novos conhecimentos, novas lide-

ranças. Era a década de 60. Saímos dos Anos Dourados para os Anos Rebeldes. O mundo acompanhava o lançamento do primeiro computador eletrônico, o homem chegava ao espaço em 61, vem a construção do muro de Berlim e, em 69, o homem chega à Lua.

No Brasil, logo ao iniciar a década, foi inaugurada a cidade de Brasília para ser nossa capital, o I Festival de Música Popular Brasileira foi transmitido pela TV Tupi, foi criada a FUNAI - Fundação Nacional do Índio. A década de 60 se caracterizou pela luta de igualdade em diversos segmentos pelo mundo todo, inclusive no Brasil. A principal marca das mulheres dessa época foi a criação da minissaia. E para além de todos esses acontecimentos, em 1964 acontece o golpe militar, com a deposição do presidente trabalhista João Goulart, iniciando assim uma nova era de regime ditatorial em nosso país, que suprimiria os direitos civis dos brasileiros.

A vida de Ruth Cavalcante ia se delineando e suas escolhas foram decisivas para o que estava por vir. A chegada ao colégio Santa Isabel, sugerido pelo padre Tito, atendia à realidade de vida do bloco das Cavalcante. Lembra Ruth:

[...] foi uma glória, porque no Santa Isabel, à tarde, não se usava farda. Era um campo enorme, nós subíamos nas mangueiras, tinha um espaço verde muito grande, as freiras tinham outra concepção, embora elas fossem alemãs. As freiras do Imaculada eram irmãs de caridade, tinham vindo da França, tinham uma certa clareza do modo de educar. O Santa Cecília era muito mais rígido, e no Santa Isabel, elas já tinham uma visão mais moderna de educação. Havia o Grêmio Estudantil no Colégio Imaculada, no Santa Cecília nem tinha, no Imaculada eram as freiras que indicavam quem ia coordenar o Grêmio. No Santa Isabel era eleição. Quando eu cheguei, a Zilda (que dirige hoje a Universidade sem Fronteira), estava no colégio desde pequeninha, era a maior liderança do colégio... Fomos concorrer, eu e ela, ao Grêmio. Eu tinha certeza que ela ganharia, mas eu queria concorrer. Quando houve a eleição, ganhei. (riso coletivo). Então, ganhei pra ser diretora do Grêmio.

E as lembranças vão se sobrepondo a outras, essas idas e vindas do ato de lembrar e de não esquecer com o tempo. Ricouer nos recorda Aristóteles e Santo Agostinho quando remonta à memória como a tradição do olhar interior. "(...) o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória. Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, a memória é passada. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa e, por esse viés, essa identidade cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima (...)." (RICOUER, 2014, p. 107). Essa é a continuidade na narração de Ruth, que permite que ela remonte sem ruptura do presente vivido até os acontecimentos mais distantes de sua trajetória.

Mesmo diante de uma educação conservadora, a história e a trajetória de vida pode levar a pessoas a concepções diferentes. Por meio das memórias e narrativas, podemos estabelecer uma relação entre o individual e o social. Nesse viés, a partir do método fenomenológico, que se concentra na observação e na intencionalidade do sujeito, podem-se produzir culturas, levando a liberdade de conceitos e de interpretações com destaque para a questão do reconhecimento, implicando a alteridade tematizada por Paul Ricour.

Em cada lembrança, as recordações do que significou cada momento. Ruth fez de cada momento seu alicerce para dar sentido a sua caminhada. E assim foi se formando, se construindo e se desenhando nos espaços que conquistava. Sobre esses traços recolhidos, ela nos relembra como foi o despontar da década de 60 em sua vida:

[...] no Colégio Imaculada, tive o primeiro contato com a JEC, mas as freiras não me deixavam sair para as reuniões fora do colégio. Eu era da JEC, mas não com a liberdade que queria. Quando cheguei no Santa Isabel, pude participar das reuniões. Foi quando despontou o meu lado de liderança mais construtivo, que até então era de competição com as freiras, porque eu tinha que ganhar meu espaço. Realmente comecei a ter uma vida coletiva, política e social com mais tranquilidade, sem estar tendo

embate com ninguém [...] e a questão religiosa, que eu já não tinha de jeito nenhum, porque assumia permanentemente uma postura de rebeldia. No Imaculada e no Santa Cecília, eu me contrapunha a tudo o que era de autoritarismo e que era imposto de cima pra baixo. No Santa Isabel, não precisou disso. E comecei a descobrir o outro lado de como contribuir sem estar em estado de vigilância. Foram dois anos assim, maravilhosos!

Foto 5 - Ruth nos tempos da escola



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

A vida da nossa biografada começava a se redesenhar. A militância associada à educação era o próximo passo. Ruth já se mostrava com todos os elementos de uma boa militante: coragem, ousadia, inteligência e inquietação. Nessa nova fase, já se via como uma futura professora, como nos narra:

[...] Optei por fazer o Curso Normal porque eu já queria ser professora e era tudo que queria, estudar Paulo Freire e tudo relacionado à educação. Me encantei. E tive uma professora chamada Ivone Garcia, minha professora de português, ela foi uma referência muito importante para mim. Ela obri-

gava a gente a fazer um diário, para escrever todo dia. Hoje utilizo esse método com meus alunos. Tenho esse diário até hoje. Comecei ainda com uma postura rebelde quando escrevia: - Esta professora está me obrigando a escrever um diário, eu só vou fazer porque é obrigado, mas se ela pensar que vou colocar minha vida aqui, eu não vou, não quero que ninguém entre na minha vida. Está quase terminando e ela quer que eu preencha uma folha toda, tá quase terminando e ponto final! (riso coletivo). Quando era no outro dia, ela colocava assim: - Excelente forma de expressar o seu pensamento, a parte gráfica está muito boa, você concatena as ideias muito bem! - Só fazia elogios. E eu me esquecia que estava disputando com ela e começava a fazer uma poesia. No outro dia, escrevia algo da minha vida mesmo, ai pronto, já me entreguei! Mas isso não é o meu desejo, e começava de novo! (muitas risadas). Assim eu escrevia todo santo dia porque ela obrigava!

Foto 6 - Turma do Ginásio – 1960.



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Essa rebeldia era apenas uma forma de mostrar sua insatisfação com as imposições, com as regras a serem seguidas. A formação educacional das mulheres da época priorizava o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos voltados para a educação dos comportamentos (BASSANEZI, 2004), a fim de capacitá-las para a função de "rainha do lar". Certamente tais princípios não foram amplamente aceitos pelas "moças" da época, que, apesar de compartilharem o mesmo período histórico, vivenciaram de formas diversas suas relações sociais e afetivas. Percebe-se, assim, que pessoas de uma mesma geração podem ter experiências geracionais diferentes. E Ruth fez suas escolhas:

No final do ano terminei o curso, e a professora Ivone me comunicou que iria cursar mestrado em São Paulo e que me indicaria para trabalhar no MEB - Movimento de Educação de Base. Explicou que era professora locutora, e que eu tinha um timbre de voz muito bom para o rádio e que escrevia bem, por isso me indicaria para substituí-la fiquei assustada. Como que eu vou substituir uma professora que é minha referência? Quando ela acrescentou: - Quem assessora esse trabalho é Paulo Freire. Você será diretamente discípula de Paulo Freire. Quase que eu morro de felicidade! - Não é possível que você tenha essa confiança em mim! - Tenho! Fui fazer o primeiro treinamento no MEB. Sabe que dias foram esse treinamento? 29, 30 e 31 de março de 64. Gente da região Norte e Nordeste inteira, vinha a equipe nacional, a equipe nacional era uma potência. Basta dizer que uma das pessoas da equipe fez parte do Concílio do Vaticano e ela era coordenadora do MEB. O MEB tinha assim um status incrível! E vinha essa coordenação nacional nos preparar para sermos funcionários do MEB. Então nós tivemos dois dias de formação, e no terceiro dia, que foi 31 de março, acordamos, fomos para o auditório e tivemos a notícia: -Nós estamos sob uma ditadura militar e vamos ter que suspender o treinamento. Achamos que era mentira, por conta

do dia primeiro de abril. Elas gravaram tudo que tinha saído no rádio durante a noite. O MEB era ligado à Igreja, então veio o Bispo, Dom Delgado com Frei Tito, que ainda não era dominicano. Na época, ele era seminarista e era coordenador da JEC Nordeste. E eles informaram que nós teríamos que organizar nossa saída, que eles tinham entrado em contato com o Exército e foi permitido que nós saíssemos sem nenhum constrangimento para cada um voltar ao seu estado[...] e suspenderam tudo. E aquele meu grande sonho de trabalhar no MEB, sob a orientação de Paulo Freire, se acabou.

Ruth nem imaginara que no dia 1º de abril o Brasil acordaria em pleno regime ditatorial, instalado através de um golpe militar. Muitos militantes chegaram a pensar que fosse mentira, pela data, mas não era. De acordo com o historiador cearense Airton de Farias, “o golpe civil-militar de 64 teve efeitos dramáticos sobre o Ceará. Da mesma forma que no resto do país, os meios políticos cearenses conheciam as tramas conspiratórias em andamento, embora não soubessem quando o levante militar eclodiria precisamente”. (FARIAS, 2007, p. 51).

O Ceará era administrado pelo governador conservador Virgílio Távora, que tinha em sua equipe vários auxiliares tidos como esquerdistas, principalmente na pasta da Educação, como reporta Farias: “(...) e por isso mesmo visto com certa desconfiança por setores das direitas, por pouco não foi derrubado ante a pressão de militares “linha dura”. (...) Houve apoio ao golpe por segmentos empresariais, jornalísticos, eclesiásticos, da classe média e mesmo populares cearenses. (FARIAS, 2007, p. 52)

Golpe instituído, movimentos estudantis parados, as sedes dos partidos saqueadas ou incendiadas, funcionários públicos perdendo seus empregos e jovens e adultos perseguidos por almejar uma sociedade mais justa, uma educação acessível a todos, e por liberdade! Ruth Cavalcante ansiava pela liberdade, queria fortalecer sua identidade, como nos relata:

[...] Passaram os meses de abril, maio, junho. Em julho, fui chamada pela direção do MEB porque a ditadura tinha permitido que continuássemos sob a vigilância deles e então, de julho pra agosto, eu assumi como professora locutora. Quem elaborava as aulas era a professora Luíza Teodoro, uma grande referência em Educação no nosso estado. O Elicio Pontes, que faleceu recentemente, era o coordenador da Universidade de Brasília do Ensino a Distância. Alaecia, irmã do Lula Moraes, já tinha uma experiência com o trabalho em comunidades. E eu trabalhei esse final de 64 e 65. Ao final de 65, a Luiza Teodoro nos orientou que devíamos entrar na faculdade, porque já sentia essa necessidade, porque a grande maioria da equipe já tinha curso superior, já tinha mestrado, doutorado. Resolvemos fazer a faculdade, sem fazer cursinho, sem coisíssima nenhuma, eu, Alaecia, o Eudes e o Elias. A única matéria que estudamos um pouquinho foi francês, porque se exigia um idioma. E o resto era a nossa prática. Passamos nos primeiros lugares, em 1966, sem fazer cursinho, sem nada. E começamos a conciliar a faculdade com o trabalho no MEB.

De acordo com a trajetória de vida da narradora, verificamos que sua atuação foi de mediação. Desde a infância à vida adulta, a maioria das suas ações eram voltadas para práticas de mediação cultural por proporcionar socialização e aprendizagem em diversas situações, mesmo antes de uma formação superior. Ângela Gomes e Patrícia Hansen, colocam que: "Na acepção mais ampla que aqui consideramos, são homens de produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social" (GOMES e HANSEN, 2016, p. 10).

Classificamos Ruth como essa mediadora pelo processo de formação, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, mas com a intencionalidade de projetos culturais e políticos. Assim, a professora optou por viver:

[...] Quando entramos para a Universidade, já não fazíamos parte da JEC, e sim da JUC - Juventude Universitária Católica. Mas não cheguei a participar ativamente da JUC, apenas me aproximei porque os partidos políticos da época começaram a se aproximar e por eu ter uma certa liderança. Fui convocada para entrar na AP – Ação Popular, que era um desdobramento da JUC, reunindo algumas pessoas que não estavam mais querendo ficar atreladas à Igreja Católica. Inclusive o Betinho era um dos assessores. A AP era a libertação do viés da Igreja Católica, mas mantinha uma conotação cristã ainda, por isso, se dizia socialismo cristão. No ano seguinte, em 1967, já fui candidata à vice-presidência do DCE e a nossa chapa ganhou. O João de Paula, (que aliás nos casamos depois), era o presidente, e eu era um dos vice, a única mulher. Foi uma gestão interessantíssima, porque a proposta não era só de um partido político, eram vários partidos, tinha o PCdoB, AP, outros do PCBR. [...] Nessa mesma época, eu continuava como funcionária no MEB. A faculdade tinha só um turno, então, eu estudava de manhã e trabalhava no MEB à tarde até de noite. Passei por todas as etapas do MEB, fui professora locutora, depois supervisora, depois coordenadora. Como a metodologia era a de Paulo Freire e era através do rádio, a alfabetização não acontecia em dois meses, como era a proposta dele, mas em seis meses. Eu fazia a faculdade, trabalhava no MEB e fazia parte do movimento estudantil. Era uma vida intensa. [...] Em 68, me candidatei ao diretório da faculdade e ganhei também, fizemos uma gestão altamente voltada para a questão da educação.

Foto 7 - MEB 1966 – Interior do Ceará.



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

O Brasil vivia um tempo de muita ebulição. Já no governo de Costa e Silva, o regime militar havia eliminado a liberdade pública e democrática com a intensificação da repressão policial-militar contra todos os movimentos e grupos de oposição ao governo.

O continuado crescimento do Ensino Superior público, na década de 60, gerou um aumento de vagas e logo cresceu o número de estudantes universitários. Eles se organizaram no movimento estudantil, que influenciou o cenário da política. Seus integrantes eram adeptos das ideologias de esquerda e, por conta disso, o governo começou a desarticular esses movimentos em todo Brasil, através da repressão, colocando-os na ilegalidade. Um dos mais importantes foi a UNE - União Nacional dos Estudantes, que, mesmo na ilegalidade, manteve-se em funcionamento. As maiores passeatas do Brasil contra o governo foram promovidas pela UNE.

Os estudantes lutavam também contra a interferência dos Estados Unidos na educação do Brasil e pelo retorno da democracia. Diante de todas essas manifestações, o governo reagiu instituindo o AI-5, instrumento jurídico que suspendeu todas as liberdades democráticas e direitos constitucionais, permitindo que a polícia investigasse, perseguisse e prendesse cidadãos sem necessidade de mandado judicial.

Considerando que o sujeito não é somente social ou individual, ele é os dois ao mesmo tempo, e que a história de vida possibilita ao investigador ver o sujeito como ele é e não somente como um elemento que compõe sua vida, é que Ruth nos conta os rumos que sua vida tomou, tanto que:

[...] O narrador conta sua história dando um novo encaminhamento aos acontecimentos passados, um novo enredo, um novo sobrevir. Os sentidos passados, construídos em diálogos anteriores, nunca podem ser estáveis; serão, por assim dizer, sempre renovados no processo de desenvolvimento posterior do diálogo [...] (KRAMER; SOUZA, 1996, p. 28)

E assim, após 1967, a professora continua a perseguir seus ideais, sua opção de vida;

[...] Após assumir o corpo gestor do diretório central de estudantes da UFC – Universidade Federal do Ceará, nós organizamos a ida para o Congresso da UNE em Ibiúna, SP, todo organizado na clandestinidade. O movimento estudantil estava muito perseguido. A AP era a favor de fazer o Congresso na USP – Universidade de São Paulo, mas tinha um outro bloco que achava que tinha que ser mais escondido, e foi quando conseguiram um sítio, em contato com Mariguela⁶, com os dominicanos e, inclusive, a primeira pessoa que encontrei quando

⁶ Carlos Marighella (1911-1969) foi um político, guerrilheiro e escritor brasileiro, e, a partir de 1964, um dos principais organizadores da luta contra a ditadura militar brasileira. Chegou a ser considerado o inimigo "número um" da ditadura

cheguei lá, foi o Frei Tito⁷. Ele estava lá como se fosse estudante e nos mantivemos como se não nos conhecêssemos. Fomos presos em 12 de outubro de 68. As estatísticas apontam para mais de mil estudantes presos. A situação piorou com o AI-5, em dezembro. Alguns vieram com prisão preventiva. Aqui do Ceará, eram 30 delegados e 10 estavam sendo mais perseguidos, eu era um deles, era a única mulher dessa leva de delegados mais perseguidos. Nós voltamos, mas ficamos vivendo numa semiclandestinidadade, de outubro a dezembro, porque tínhamos a prisão decretada e a qualquer hora podíamos ser convocados. [...] Eu fui direto para Pedra Branca, imediatamente. Fui contar a história da minha prisão! A mamãe chorava muito, e antes que meu nome saísse nos jornais e na televisão, fui contar a eles. Falei que era uma liderança estudantil, presidente de um diretório, fui eleita... e depois que entramos naquele processo, perdendo a vida individual. Confessei ao meu pai: - Eu não podia nem lhe dizer porque podia ser que o senhor não concordasse, e eu tinha que ir cumprindo a minha

7 Frei Tito (1945-1974) Frei Tito, religioso e ativista político que foi preso, perseguido pela ditadura militar e se tornou símbolo na luta pelos Direitos Humanos. Frei Tito começou na militância política ainda estudante. Em 1962, foi escolhido dirigente regional da Juventude Estudantil Católica, em Recife (PE). Quatro anos depois, ingressa no noviciado dos dominicanos, em Belo Horizonte (MG). Em 1967, vai para São (SP) Paulo para estudar filosofia. No ano seguinte, foi preso por participar de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Ibiúna (SP). Em 1969, é preso novamente, junto com outros frades dominicanos, e levado para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Tito foi acusado de manter contatos com a Ação Libertadora Nacional (ALN), uma organização política de ideologia socialista que participou da luta armada contra a ditadura e também com o guerrilheiro Carlos Marighella. Segundo relatos escritos por Frei Tito, nesse período, foi torturado por cerca de 30 dias. Entre os suplícios, foi colocado no chamado pau-de-arara, recebeu choques elétricos na cabeça, nos órgãos genitais, nos pés, mãos e ouvidos. Tomou socos e pontapés, pauladas e palmatórias. Foi ainda amarrado na cadeira do dragão e queimado com cigarros. Depois de passar uma noite pendurado no pau-de-arara, Frei Tito tentou se matar com uma gilete. Levado ao Hospital Central do Exército, no Cambuci, ficou uma semana internado, sob tortura psicológica. Em 1971 foi deportado para o Chile. De lá, fugiu para a Itália e, de Roma, deslocou-se para Paris, onde recebeu apoio dos dominicanos. A tortura deixou sequelas e o religioso vivia agoniado com as lembranças do passado. Submetido a tratamento psiquiátrico, não conseguiu recuperar a sanidade mental. No dia 10 de agosto, um morador dos arredores de Lyon, na França, encontrou o corpo de Frei Tito suspenso por uma corda, enforcado. A causa da morte ainda é um mistério. A suspeita é que Frei Tito tenha cometido suicídio.

responsabilidade... – Conteí toda a história. E a mãe calada, do lado, chorando, e ele calado, só escutando. Quando terminei, ele calado! – Papai, mas eu vim aqui exclusivamente para ouvir sua opinião, o que o senhor achou? – Aí ele disse: Foi uma vitória dos estudantes! Ele falava pouquíssimo! Só disse isso! Aí pronto, foi um alívio para a mãe! Por outro lado, a Universidade já nos enquadró no artigo 477, que dizia que não se podia mais estudar em universidade nenhuma. Esse artigo alcançava funcionários, professores e estudantes, e eu fui enquadrada depois de dezembro.

Foto 8 - Soldados da Força Pública organizam em filas os estudantes presos em Ibiúna (SP), durante o 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) – Folhapress.



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Os estudantes foram liberados após uma semana de detenção e reenviados aos seus estados. A partir de então, todos ficaram marcados e passaram a ser controlados em tudo. Ruth nos conta:

[...] Eu estava dando um curso, como representante do movimento estudantil, para colegas que queriam trabalhar durante as férias com o método do Paulo Freire. As férias eram longas, de dezembro até fevereiro, então dava tempo de alfabetizar. Eu já tinha preparado alguns em julho, mas um mês só não era suficiente, e no final do ano nós tomamos a decisão de preparar as pessoas para serem alfabetizadores. Nesse curso estava meu irmão Gilberto, a Rosa da Fonseca, a Nildes Alencar, várias pessoas que eram atuantes no movimento. Comecei a dar o curso no início de dezembro. Quando foi dia 13, veio o AI-5, e chegou um companheiro lá em casa dizendo: "Agora, com o AI-5, vamos ter que sair de casa mesmo, porque já temos prisão preventiva, e vamos ficar em outros lugares mais seguros". Fui pra casa de uma amiga. Só que na segunda-feira, dia 14 de dezembro, eu quis ir dar uma satisfação para os alunos que estavam lá, eram 40 ao todo. Fui à UFC, ao Instituto de Química. O compromisso falou mais alto que o medo. Quando cheguei lá, já estavam todos falando do AI-5, e antes mesmo de começar a aula, a polícia já chegou e deu ordem de prisão. Eu perguntei: - Cadê a ordem? - Não existe! - Mas o senhor está invadindo o campus da universidade! - A polícia pode entrar agora em qualquer lugar. E me levaram! Foi uma frustração enorme para meus alunos, que não podiam fazer nada, vendo a polícia me levar, e eu indefesa total.

Foto 9 - Cartaz de divulgação com os nomes dos principais líderes estudantis.



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Nesse momento da pesquisa, depois de longa fala sem interrupção, perguntamos se a professora sentiu medo. No que ela respondeu sem pestanejar:

[...] Mais ou menos, porque na hora em que eles me pegaram, eu já pensei: - Vou arranjar um jeito de me livrar. Eu não vou ficar! E já fui maquinando o que iria fazer. Fiz a primeira tentativa, quando eles me levaram para aquele quartel da Floriano Peixoto, enquanto decidiam o que iam fazer comigo... Eu via umas moças entrando e saindo. Eles me deixaram numa sala sozinha. Foi quando chegaram duas moças, então eu pedi para sair com elas. Mas não deu tempo eu chegar nem na porta! A polícia chegou gritando: - Tá fugindo? - Não, me deixaram aqui sozinha, eu não sabia o que fazer. Essas mocinhas iam saindo, eu também ia saindo com elas, não estou fugindo. Depois eles ficaram com controle absoluto e me levaram lá para o hospital da Polícia Militar porque não havia prisão feminina para presa política. E eu fiquei lá, me colocaram no segundo ou no terceiro andar, em um quarto mais isolado. Depois de dois dias, foi que eu dei

meu primeiro depoimento, um depoimento longo, de mais de oito horas, numa sala cheia de policial fazendo as perguntas mais capciosas, pra ver se eu entregava meus companheiros. Devo ter dado uns três depoimentos. Vi que, em sendo um hospital e não uma prisão, eu daria um jeito de fugir, e todos os dias, tudo que eu fazia era em função de sair[...]

Nos anos iniciais do regime militar brasileiro pós-1964, o autoritarismo ainda não institucionalizado não permitia distinguir as fronteiras entre o permitido e o proibido para aqueles que tinham participação política de alguma natureza (ALMEIDA & WEIS, 1997; Gianordoli-Nascimento, Trindade & Santos, 2012). Com o fortalecimento das organizações e movimentos contrários à repressão, a população presenciou o "golpe dentro do golpe" com o endurecimento extremo do regime, através da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 13 de dezembro de 1968, vivendo, a partir desse momento, o que a historiografia consagrou como os "anos de chumbo" (ALMEIDA & WEIS, 1997; KUSHNIR, 2002).

Essas experiências comuns, relativas ao período ditatorial, foram compartilhadas coletivamente por uma geração, além de serem vivenciadas de maneira singular. Aquela geração também rompeu com antigos costumes e valores, principalmente as jovens mulheres que assumiram novas posições e arranjos socioafetivos. Essa mesma geração desenvolveu também um espírito de solidariedade, de justiça social e igualdade entre os pares. Era um novo tempo. Ruth recorda:

[...] Recebi muita solidariedade! Não só dos colegas do movimento estudantil, do MEB, do bispo, Dom Delgado, que disse que eu não iria ser demitida. Nós vamos mantê-la como funcionária até que as coisas se decidam. É tanto que na minha carteira não tem demissão. E quatro meses depois, toda data significativa eles diziam que iam me soltar. Você vai ficar só até o Natal. Veio o Natal e nada. Carnaval, Semana Santa e nada! Mas eu tinha visita diária. Toda tarde. Minha família é muito grande

e todo dia vinham de quatro a cinco pessoas. Minha mãe foi uma vez, papai duas vezes, e o Deusimar, meu irmão que na época era deputado, me visitava diariamente. Como parlamentar, ele ia no horário que queria. Quando fugi, eles acusaram meu irmão de facilitador da fuga. Mas ele estava tão surpreso quanto os policiais. Eu criei toda uma rotina na prisão... de ler, li muito, inclusive Memórias do Cárcere, li sobre as fugas de Papillon, para me inspirar. Li todos os livros que queria. E eles não censuravam. Eles estavam, de certa forma, se organizando e eu aproveitava as brechas.

Ruth foi administrando seu tempo, agilizando suas ideias para uma possível fuga. Transformou o tédio daquela privação de liberdade em uma rotina organizada. Como uma boa mediadora cultural, foi-se aproximando dos funcionários e conscientizando-os de forma calma e afetiva sobre os novos tempos. Sua função era tentar mostrar aos demais que tudo poderia piorar, que a situação corria para um desfavorecimento da sociedade. Os "Anos de Chumbo" foram marcados pelas proibições e punições quanto ao questionamento dos princípios vigentes. Vaitsman (1994) pontua que a participação da juventude na política era um dos sinais da modernidade. Ruth se encontrava presa, não sabia nem mesmo o que se pretendia fazer em relação a ela, pois não existiam prisões femininas nem para presos políticos em Fortaleza.

[...] Eu fiz toda uma rotina. Horário de ler, de escrever, de ginástica... e fui criando uma relação com as enfermeiras. Passei a dar cursos sobre a conjuntura brasileira. De noite, elas iam, eu fiz um curso com toda a programação. Tinham umas três ou quatro que iam à noite. E com os soldados que me guardavam também. Comecei a fazer amizade com eles e mostrei que eles também estavam sendo prejudicados, não era só eu. É tanto que, num domingo, um soldado levou a mulher e os filhos pra me conhecer porque se sentiu identificado. Fora havia

protestos e mais protestos para me soltar. Não sofri a tortura física porque eles não estavam organizados o suficiente. Era mais a tortura psicológica, por exemplo, um depoimento de oito a dez horas. Você fica completamente esgotada e com medo da coisa ir piorando. Eu tinha um advogado, depois que eu já estava com as ideias mais ou menos organizadas de como iria sair. Pedi para minhas irmãs o consultarem, para ele me dizer o que achava. Ele disse que todo preso tem direito de buscar sua liberdade, da forma que puder, mas corre o risco de ser pego em flagrante. Se houver flagrante, a pena multiplica muito, então eu teria que ver se o risco valeria a pena. Mas é um direito que todo preso tem!

A alternativa era se antecipar aos planos locais pois a qualquer hora sua situação poderia piorar. E assim ela fez. Não havia outras presas até aquele momento, o Estado teria que cumprir as determinações do governo nacional. A entrada da mulher nessas lutas era algo ainda novo em nossa capital. Acredita-se que a participação feminina nos movimentos políticos em oposição à ditadura militar, em um cenário social no qual a violência atingia a todos independente do sexo (FERREIRA, 1996), foi um modo de resistir às imposições quanto ao lugar social da mulher, bem como o de contestar o poder vigente exercido pelo regime militar. Ruth já não seguia padrões desde a infância. Privada de sua liberdade, ela tinha que sair ou esperava algo pior acontecer:

[...] Comecei a planejar como seria a melhor forma. Terminei achando que tinha que ser disfarçada mesmo, com a ajuda da família. Faltavam dois dias para o meu aniversário, fugi dia 14 de abril. Mas lá pelo dia 10, o advogado disse que veio uma solicitação de São Paulo porque minha prisão era de lá, para me transportar pra São Paulo. Aí seria desaparecer, porque a repressão lá já estava fortíssima! Resolvi acelerar o plano e, quando foi dia 14, o que a gente fez... veio a minha irmã Neuma, que é da mesma estatura minha. Ela entrou vestida com

uma roupa, uma peruca e óculos escuros bem grandes, porque tinha que deixar a identidade lá em baixo. Ela entrou com o Fonseca, que foi secretário de Saúde, e com o Oswaldo, aquele teatrólogo. Eles eram do Partido, junto comigo, da AP. Eles entraram com a Neuma. Como minha roupa era lavada em casa, porque eu dizia que tinha medo do contágio, por ser um hospital, ela trouxe minha roupa, mas era para ela vestir, e eu fui para o banheiro, porque todos os dias, depois que as visitas iam embora, eu tomava banho. Fiz isso exatamente para depois usar esse trunfo, então troquei a minha roupa com a que ela veio, e sai primeiro que os outros. Foi um ato de coragem de quem veio me visitar também. Era a Tereza Neuma, minha irmã, que era de menor, e tinha outras pessoas também no grupo. Nós combinamos que eu sairia primeiro, e depois eles partiram, porque eu tinha que sair exatamente na hora da visita dos doentes, para ir naquele bolo e dificultar para eles. Depois que eles viram que eu já estava na calçada, entraram no banheiro, ligaram o chuveiro, trancaram a porta do quarto e saíram.

A fuga não foi cinematográfica, mas foi muito bem pensada. Poderia ter dado errado, para ela e para seus aliados, mas a solidariedade humana e militante falou mais alto.

Eram jovens corajosos, cheios de sonho e de ideais. Uma juventude inquieta e insatisfeita. A solução era enfrentar, era correr riscos. E Ruth correu esses riscos, como nos lembra:

[...] Eles vieram num carro e, dois quarteirões à frente, passaram pra outro e para um terceiro carro, porque ninguém sabia pra onde eu ia. No último carro é que tinha a pessoa que sabia onde era o sítio de uma militante. E eu fiquei nesse sítio até que a situação de controle diminuiu pra poder ir para Recife. Passei um tempo em Recife, com a minha amiga Alaécia, que era do MEB. Ela arranjou uma casa para eu ficar com uma pessoa que não era suspeita de nada, uma pessoa grã-fina, muito

rica, e eu fiquei na casa dela. Tive uns probleminhas com ela, porque descobriu depois, através do namorado dela, quem eu era. Depois, ficou com remorso e confessou que ele disse que estava desconfiando de mim, mas tive que sair de sua casa e fui para São Paulo. Lá encontrei os companheiros de AP, e comecei a trabalhar dentro da AP. O partido conseguia tudo. Na ida de Recife para São Paulo, a família mandou minha irmã Myrtes se encontrar comigo e ela levou dinheiro para eu me sustentar no início [...]

Neste sentido, a participação feminina na militância política durante a ditadura militar brasileira pode ser considerada como uma importante ruptura em relação aos papéis tradicionais de gênero vigentes na época (...) (Del Priori, 2006). Estudiosos têm-se debruçado, principalmente, nas duas últimas décadas, na história invisível que foi escrita por mulheres. Ao contar sua história, Ruth conta também sobre a história local, militância, coletividade, educação e sobre política:

[...] Quando fugi da prisão, foi outro problema. De noite, toda a família em frente à televisão, esperava sair alguma notícia, mas não deu nada, nem no rádio. Nem no outro dia. Então minhas irmãs decidiram ir no hospital "me visitar" para não levantarem suspeitas! Foi a Neuma, a Tereza Neuma, a Mirtes, todas que foram no outro dia. Quando chegaram lá, disseram: - Visita para Ruth. Quando escutaram meu nome, foi uma confusão, uma correria. "Um momento, que o diretor do hospital quer falar com vocês". Quando ele chegou disse: - Muito bem. De visitantes se transformaram em colaboradoras da fuga da irmã. E uma delas disse: - Fuga de onde? Aí começaram todas a chorar porque elas já estavam nervosas... - O senhor dê conta da nossa irmã porque estão com mania de sumir com as pessoas e depois dizer que é a família. Dê conta da nossa irmã! Como é que não apareceu em televisão, em jornal nenhum? Nós saímos daqui ontem e a dei-

xamos aqui tomando banho. Como é que ninguém sabe? E agora o senhor vem dizer que ela fugiu! Mas, mesmo assim, foram depor, até a Tereza Neu-
ma, que era menor de idade... e todas sustentaram a palavra de que desconheciam a fuga.

Em meio a tudo isso, havia ainda a preocupação com os pais, que viviam no interior. As notícias não chegavam com rapidez e muitas vezes nem chegavam. A família da professora Ruth sempre foi muito afetiva, a proximidade entre irmãos e a cumplicidade são características presentes. O pai de Ruth era um homem extremamente calado, e por isso era tido como um "coronel". Sua prioridade era a educação formal dos filhos. Dentre os filhos, Ruth e Francisco (Xico) eram quem tinham mais coragem de falar com ele. A mãe era puro amor, a figura materna que vivia para os filhos, para casa e para a caridade. Mesmo ciente de suas escolhas, Ruth não queria que os pais sofressem com as consequências, mas ela também não queria abrir mão dos seus ideais. Assim relembra:

[...] A questão era o papai e a mamãe serem informados antes de sair na imprensa. O meu irmão foi destacado para levar a notícia. Quando chegou na cidade, desceu já na loja. O papai se assustou: - Meu filho, o que é isso, em pleno abril, período de aula, tá fazendo o quê aqui? - Não papai eu vim aqui só dar um recado e já vou embora. - O que é? - É que a Ruth capou o gato!! (riso coletivo). O papai disse assim: - O que significa isso? Não entendo essa linguagem! E o Xico: - Papai, a Ruth fugiu da prisão. Ai o papai disse assim: - Não nega que é Cavalcante... Papai era surpreendente! Porque todos tinham medo dele sem o conhecer na sua essência.

Começava uma nova caminhada na vida de Ruth Cavalcante. Agora com documentos falsos, distante da família, numa cidade grande onde os presos políticos estavam sendo torturados e muitos desapareciam. O movimento estudantil estava desarticulado, os líderes escondidos. O país vivia o apogeu do

AI-5. Conforme Farias relembra: "Um dos mais notáveis casos dessas batalhas e enquadramentos da memória refere-se ao regime militar brasileiro. (...) As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade igualmente em relação à memória coletiva, a qual se torna objeto de disputa importante, de quais acontecimentos e como estes serão lembrados na memória de um povo" (FARIAS, p. 85, 2007). Assim, Ruth nos faz voltar a um tempo apreensivo, tempo de fugas, de luta pela sobrevivência, de luta para sair viva. E conseguiu. Hoje ela narra um pouco desses episódios, que sem sombra de dúvida, jamais serão esquecidos por ela e por todos e todas que acreditaram numa sociedade transformada.

Ruth chega a São Paulo em 69, já no Governo de Garrastazu Médici, considerado o mais repressor dos presidentes do regime militar. Foi nessa gestão que houve as piores torturas, o desaparecimento e a morte de muitos estudantes, jornalistas e intelectuais. Nesse contexto, a AP se junta ao PCdoB, e Ruth passa a compor o PCdoB juntamente com seu namorado, João de Paula, influenciados agora pela filosofia de Mao Tsé-tung, conhecida como filosofia maoísta, mais ligada ao campo.

Diante dos fatos, o que restava era se proteger, como conta Ruth:

[...] Nós fomos para o campo. Eu e o João passamos um ano no Vale do Ribeira, numa situação altamente complexa, porque eu não tinha direito nem de ler um livro, porque éramos camponeses. Morávamos com um companheiro dentista que tinha se casado lá. Tinha um problema na nossa experiência oral, a justificativa da minha linguagem mais sofisticada era porque tinha sido empregada doméstica e tinha aprendido e o João tinha sido vendedor ambulante, contudo era altamente arriscado, logo no Vale do Ribeira, onde prenderam Lamarca. Aguentamos um ano, depois achamos que nada tinha significado, um lugar isolado, a distância de uma casa para outra eram quilômetros. Além do mais, a gente sentia falta de ler, da convivência com a parte cultural. Então, resolvemos pedir o desligamento do Partido,

mas ficamos ainda ligados, porque não tinha nada que desabonasse nossa conduta... Não queríamos ficar submetidos ao centralismo democrático do Partido, mas este nos dava todo apoio.

Ruth e seu companheiro João estavam dispostos a encontrar outros caminhos fora do Partido, mas a situação era delicada, pois eles não usavam seus nomes verdadeiros, não podiam frequentar todos os locais da cidade. A cumplicidade e a solidariedade não eram qualidades comuns a todos, eles foram traídos pelos próprios companheiros. e tiveram que tomar a decisão mais arriscada dessa caminhada.

... em vários momentos e etapas do seu trabalho, sempre acentuando seu sentido histórico: "...indivíduos que pertencem à mesma geração... estão ligados... a uma posição comum na dimensão histórica do processo social.", o que significaria uma predisposição para "...um certo modo característico de ação historicamente relevante. Embora esse seja o sentido básico de sua concepção, Manheim não desvincula geração e grupo de idade. Observando-se que o mesmo contexto social não afeta igualmente todos os indivíduos de um grupo de idade e vivência - classificado ou auto identificado como geração -, verifica-se que segmentos dessa geração podem assumir posturas e caminhos sociais diferentes, ou até opostos. É o caso de padrões ou de movimentos culturais que se manifestam diversamente na mesma época, ou de movimentos políticos, uns radicais outros conservadores, cada um reunindo indivíduos de idade aproximada num cenário social semelhante (MANHEIM, 1928, citado por Britto da Motta, 2004, p. 350-351).

Diante de todos os perigos, decidiram que o melhor era sair do país. Alguns companheiros os denunciaram, a situação estava cada dia pior, as torturas, os desaparecimentos e as mortes já não eram sigilosas. Ruth e João foram buscar ajuda...

[...] Fui trabalhar no hospital de crianças e o João dando aula particular, mas era arriscadíssimo! Nós tínhamos identidade falsa. E começamos a encontrar com alguns companheiros, e esses companheiros terminaram denunciando a gente. Começaram a perseguir minha irmã Neuma, que morava em São Paulo, e as colegas dela. Já era 73. Até que prenderam de fato a Neuma para que ela nos entregasse. Mas ela não nos entregou. – “Podem fazer o que quiserem comigo, é minha irmã e eu não digo onde está.” Eu tinha um encontro com ela de quinze em quinze dias, no Shopping Iguatemi, e fui me encontrar com ela, e ela não veio. A gente tinha um acordo entre nós, todos da militância. Se o encontro as 10h e ninguém aparecia, a gente dava uma volta e 10:30h retornava, porque podia ser que tivesse algum problema no ônibus, alguma coisa assim... E aí, 10:30 eu voltei, 11h voltei e nada. Eu não tinha o menor contato com ela. O único contato era com a Lurdinha, uma grande amiga dela, mas ela morava no Rio. Então, falei com o João que eu tinha que ir ao Rio em busca de notícias, e fui. Quando cheguei lá, que toquei na companhia, ela me abraçou e disse: - “Ruth pelo amor de Deus, eu estava desesperada pra saber notícias.” Ela me contou que a Neuma tinha sido presa. Eu me desmontei toda. – “Agora a gente vai ter que sair do país.” Eu e João decidimos partir.

Ao caracterizar os militantes a partir de 1964, Trigo (1994) e Faria (1997) definiram essa leva de jovens militantes como a chamada “nova esquerda”, ou esquerda armada. Eles se inseriram em organizações e dissidências de esquerda, convivendo, dessa maneira, com os identificados “velhos militantes”, os quais estiveram na luta de oposição desde os anos de 1930, passando pela ditadura no governo de Getúlio Vargas (1934-1945). Além disso, mesmo que marcados por um mesmo evento histórico - a ditadura militar brasileira - que pode favorecer a uma identificação coletiva (Schmidt, 2001), o mesmo grupo etário-geracional pode apresentar experiências diferenciadas desse

contexto. Tal movimento pode ser observado entre as militantes do período pós-1964 e pós-1968. Ruth, vivenciou esses acontecimentos de perto:

Não tínhamos dinheiro algum, contato nenhum. O João tinha um tio que morava em Niterói, e fomos lá pedir ajuda. Ele não tinha a situação financeira muito boa. Empréstou uma quantia que só dava para pegarmos um ônibus para a Argentina. Entramos em contato com o Partido para ver se podia ajudar. Marcamos um encontro. Alguém do Partido ia entregar o dinheiro e o endereço de onde nós íamos ficar no Chile. João foi para o encontro. Quando chegou, não encontrou o companheiro. Do mesmo jeito que aconteceu com a Neuma, nem no primeiro momento, nem no segundo, nem no terceiro. No outro dia, saiu estampado nos jornais que o companheiro que ia se encontrar com ele foi morto... a caminho do encontro. O cerco foi apertando, e tínhamos que sair de qualquer jeito. Fomos comprar uma passagem. Felizmente, naquela época não precisava de passaporte para a Argentina, só da identidade. Eu tinha a minha identidade falsa e ele tinha a dele. A minha era Maria Raquel de Melo Sousa, era uma jovem de 18 anos, baiana. O Partido conseguia a certidão de gente que já havia morrido, e com esse documento nós tirávamos os outros. Foi um drama para tirar. Quem foi comigo foi um companheiro que era marinheiro, enorme, todo tatuado, e eu fui tirar a carteira com um documento que ele tinha. Eu era "analfabeta", não sabia de nada que tinha que fazer, e tiramos a documentação toda.

Ruth conseguia se sobressair das situações porque passou por um processo de formação intelectual para a militância, por meio de participação coletiva e institucionalizada. Sua inserção em movimentos estudantis, partidários, eclesiais, mais a convivência com amigos mais experientes e outros menos, ga-

rantiram a ela um certo acúmulo de capital político e cultural, facilitando assim suas tomadas de decisões.

[...] Quando fomos para o Chile, só com o dinheiro do tio do João, fomos de ônibus. Quando chegamos na fronteira, o nome da cidade, sabe como era? "Paso de Los Libres". A Polícia Federal do Brasil já tinha a relação de nomes dos passageiros, para saber se tinha algum subversivo na lista. Passamos nessa etapa. Mas quando entramos no Chile tinha que deixar uma quantia em dólares lá. E nós tínhamos esse dinheiro? [...] Estávamos viajando como hippies. [...] Deixei meu relógio de garantia com uma pessoa que conhecemos na viagem, para ela emprestar o suficiente para entrarmos no país. Foi difícil fazê-lo acreditar que éramos perseguidos políticos. A pessoa acabou se compadecendo. O João tinha um poder de persuasão... e deu certo. Entramos com esse dinheiro no Chile, e depois tivemos que nos virar. Tinha uma associação só de brasileiros. No Chile, eu entrei na Universidade, mas foi como ouvinte, o João pôde se matricular na faculdade. Ele já estava na residência e eu como ouvinte, foram meses maravilhosos. Mas veio o golpe do Chile e tivemos que sair para a Alemanha. Passamos quatro meses no refúgio que as Nações Unidas abriram, junto com a Igreja Católica, para os estrangeiros, que eram perseguidos pelo simples fato de serem estrangeiros. O golpe foi em setembro de 73. Em outubro, já tinha toque de recolher. De 8h da manhã até 20h. Passávamos o dia inteiro na rua para evitar de a polícia nos pegar em casa. Passamos quatro meses nesse refúgio, com 600 pessoas de todas as nacionalidades. Todos com problemas seriíssimos. Nós não tínhamos tanto porque fazia pouco tempo que havíamos chegado, mas tinha brasileiro que chegou logo depois de 64, que já tinha constituído a vida e perdeu tudo... Era de doer o coração ver a situação de cada um!

Na primeira fase do exílio, logo que os militares tomaram o poder, em 1964, os lugares mais procurados foram o Uruguai e o Chile. Próximo à fronteira com o Brasil, o exílio no Uruguai expressava o verdadeiro sentimento dos que haviam deixado o país: a expectativa de que a volta seria em breve. Para os primeiros exilados, a ditadura acabaria logo, como prometera o general-presidente Humberto de Alencar Castello Branco. Vários deles seguiram para o exílio. Porém, não mais em direção ao Uruguai, mas, sim, para o Chile. Esse país passou a ser o destino principal dos brasileiros. A experiência socialista do governo Salvador Allende atraiu muitos militantes de esquerda. Entretanto, a partir de 1973, com o golpe de estado no Chile, tornou-se inviável a permanência dos brasileiros ali. No Uruguai, onde os militares também tomaram o poder, os brasileiros se viram forçados a fugir novamente. Sobretudo porque as ditaduras latino-americanas tinham se unido para perseguir seus inimigos comuns - na chamada Operação Condor⁸. Assim Ruth relembra:

[...] No refúgio onde as Nações Unidas⁹ acolheram os refugiados, diariamente vinham representantes de países para fazer uma seleção entre nós. Eu queria ir para um país de língua francesa, mas não fui aceita. A Inglaterra me aceitou, mas só dava o visto de entrada Alemanha dava o visto, uma casa para morar e uma bolsa de estudo, e nós preferimos ir

8 A Operação Condor, formalizada em reunião secreta realizada em Santiago do Chile no final de outubro de 1975, é o nome que foi dado à aliança entre as ditaduras instaladas nos países do Cone Sul na década de 1970 — Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai — para a realização de atividades coordenadas, de forma clandestina e à margem da lei, com o objetivo de vigiar, sequestrar, torturar, assassinar e fazer desaparecer militantes políticos que faziam oposição, armada ou não, aos regimes militares da região. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados>

9 Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas, é uma organização intergovernamental criada para promover a cooperação internacional. Uma substituição à Liga das Nações, a organização foi estabelecida em 24 de outubro de 1945, após o término da Segunda Guerra Mundial, com a intenção de impedir outro conflito como aquele. Na altura de sua fundação, a ONU tinha 51 estados-membros; hoje são 193. A sua sede está localizada em Manhattan, Nova York, e possui extraterritorialidade. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas

para lá. Na Alemanha, meus irmãos foram me visitar. Fui cursar Psicopedagogia como graduação, aqui é especialização. Chegamos em 74, tivemos que fazer um curso de Alemão o ano todo. Em 75, entrei na Universidade e, em 76, decidi engravidar. Em setembro de 77, a Mariana nasceu e foi outro baque, porque a Mariana veio com síndrome de Down, exigindo de mim outra readaptação. Imagine a situação de estrangeira e mãe de uma filha com síndrome de Down. Foi duplicada a possibilidade de ter que lidar com a não exclusão, mas foi uma experiência riquíssima. Tivemos a oportunidade de viajar para vários países para fazer o tratamento da Mariana e na Alemanha também. Trabalhamos junto à Cruz Vermelha¹⁰. E quando voltamos decidimos abrir uma escola para Mariana porque ela não era aceita em escola nenhuma. O João médico, e eu psicopedagoga, nós decidimos abrir um Centro só para síndrome de Down, que foi o início do CDH – Centro de Desenvolvimento Humano. Depois ampliamos para todo tipo de deficiência, mas já tínhamos em mente que seria um centro de formação, tanto que o nome não era clínico [...] foi quando entrei em contato com a biodança¹¹ e com o princípio biocêntrico¹², mas vi que a biodança não comportava aquilo que eu tinha em mente. Então comecei a desenvolver a educação biocêntrica, que vem do princípio biocêntrico. [...] Não me afastei definitivamente da militância, ainda tentei o PSB, mas vi que o meu viés não era mais por aí...

10 A Cruz Vermelha é uma organização internacional, sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é prestar socorro e assistência às pessoas vítimas de guerras e catástrofes naturais (terremotos, tornados, enchentes, etc.) Foi fundada, em 1863, pelo suíço Jean Henri Dunant. A Cruz Vermelha conta muito com o trabalho de voluntários (médicos, enfermeiros, dentistas, assistentes sociais, psicólogos e outros profissionais). A sede da Cruz Vermelha fica na cidade de Genebra (Suíça). Disponível em:

11 A biodança (do espanhol biodanza, neologismo do grego bio (vida) com o espanhol danza (dança): literalmente, “dança da vida”), antes chamada de psicodança, é um sistema de integração afetiva e desenvolvimento humano baseado em “vivências” (experiências intensas no “aqui e agora”) criadas através de movimentos de dança

12 Paradigma que referenciava os códigos, os mecanismos de ação e toda a teoria da Biodança. Rolando Toro. 1985.

Foto 10 - Ruth na Alemanha 1977 – Nascimento da Mariana



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

No relato a seguir, vem a parte mais emocionante de todos os momentos desta pesquisa, porque, na condição de pesquisadores, nós também somos sujeitos da pesquisa e em alguns momentos, mais do que em outros, nos sentimos tocados. As lições de vida, de luta e exílio nas reminiscências de Ruth com emoção:

[...] O exílio é um sofrimento muito grande! Tem um texto do Paulo Freire que eu acho belíssimo, ele falando o que é exílio, que é essa falta totalmente subjetiva. Você sabe o que é sentir falta de o jeito do povo ser? Sentir falta do aroma do seu país, das comidas, das formas como as pessoas se comunicam! Isso é muito subjetivo! Eu sempre me senti na Europa como se não fosse meu espaço, eu estava ali emprestada. Hoje me sinto grata, viajo anualmente à Alemanha, dou curso lá, o pessoal vem aqui, eles mantêm a relação, vêm nos visitar. [...] No Chile, eu não pude usar meu nome, na Alemanha cheguei

como Ruth. Você não poder usar seu nome... Quando a Maria Tereza foi me visitar, em São Paulo, eu estava morando ainda numa casa com outras colegas. Meu nome era Raquel e quando ela esqueceu e me chamou de Ruth, meu corpo todo tremeu, mas não foi de medo, foi o impacto de ter-me chamado pelo meu nome que representava toda a minha identidade... são coisas muito subjetivas, que envolvem a clandestinidade e o exílio.

Do exterior, muitos ainda tentaram lutar contra a ditadura. Alguns poucos chegaram a voltar ao país, sendo que, desses, a maioria acabou morta ou presa pelo regime. Com o recrudescimento da repressão (que fez da tortura uma política de Estado), os brasileiros que estavam no exílio começaram a denunciar a violação dos direitos humanos cometida no Brasil, engrossando o movimento internacional contra a ditadura militar. Essa fase do exílio brasileiro coincidiu, internamente, com a derrota que a ditadura impôs aos setores da esquerda que tinham optado pela luta armada. No exterior, os antigos guerrilheiros entraram em contato com outras experiências, renovando suas temáticas e também suas estratégias políticas. A esquerda brasileira mudava parcialmente sua concepção política, aproximando-se do novo cenário que se desenhava no Brasil.

Ruth Cavalcante se reinventou, se recriou... nesse estágio da vida. "A memória apresenta-se, nesse caso, como instrumento de resistência eficiente, capaz de burlar o excessivo controle a que os indivíduos declarados inimigos foram submetidos pela violência" (VASCONCELOS, ARAÚJO, p. 43, 2014). Ao voltar para sua terra, agora perto da família e dos amigos novamente, encontrou um outro sentido para a vida, como finaliza:

[...] A experiência que eu vivi fora do Brasil, o Brasil que encontrei quando cheguei, eu achei que a minha militância tinha que se concentrar mais na área da educação do que nos partidos, nos movimentos... mas nunca deixei de ter atuação política, nunca deixei de ser militante da questão social, mas com um objetivo central: a educação. Retornei

à educação popular com o viés freiriano, e comecei a formar pessoas na educação popular e fui gestando a Educação Biocêntrica¹³. Hoje a Educação Biocêntrica está com mais de 30 anos. Temos oito turmas de pós-graduação já formadas, a nona turma está terminando e vamos abrir a décima turma, agora em parceria com a UECE - Universidade Estadual do Ceará, alternamos com a UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú e com os cursos intensivos, mais para pessoas de outros países. Já chegamos a alcançar 18 países, assim como, em muitos estados brasileiros. Já realizamos dois congressos internacionais, em Mendonza na Argentina, e aqui. [...] Com a concepção da Teoria da Libertação de Paulo Freire, o pensamento complexo de Edgar Morin e com o princípio biocêntrico de Rolando Toro, que tem um viés muito ligado à linha da afetividade, o desenvolvimento dos vínculos afetivos das relações com as pessoas. Em todas as minhas vivências de partido, profissional, de mulher e mãe, sempre fui educadora. Hoje, a Educação Biocêntrica tem uma consistência teórica, tem uma base epistemológica, com aqueles teóricos. Na década de 90, introduzimos Edgar Morin a partir dessas três bases epistemológicas, mas é claro que tem outros, como Wallon, Varela, Maturano, Vygotsky. Mas a base mesmo são os três: Paulo Freire, Rolando Toro e Edgar Morin. [...] Quando cheguei ao Brasil, me separei do João de Paula e me casei com o César Wagner, pai dos meus outros dois filhos, Sara e Davi. Sara trabalha comigo no CDH. É psicóloga comunitária, e o Davi é Educador Físico. Esse viés da educação é muito forte entre nós. Eu e o César, que também é psicólogo, fomos, a partir de

13 Educação Biocêntrica não se resume à escola formal, ao ensino fundamental, nem tampouco às questões de ensino-aprendizagem tradicional e à aprendizagem significativa como destacamos. Vai mãos longe, estende-se ao tema da aprendizagem-desenvolvimento humano, da contínua recriação do conhecimento, da identidade e do sujeito como ato de amor, liberdade e consciência. Incorpora a construção do conhecimento crítico, reflexivo e dialógico, além de dimensões instintivas, afetivas, éticas, étnicas, míticas, históricas e ecológicas, nas quais a pessoa é considerada um ser inteiro e ativo (bio-sócio-onto-cosmológico-espiritual), que sente, pensa, fala e faz em consonância com a Vida, a Natureza e em cooperação e solidariedade com os demais.

nossa práxis, estudos e pesquisas, sistematizando a Educação Biocêntrica, e, em 2007, criamos a Universidade Biocêntrica para congregar tudo o que diz respeito à cultura biocêntrica.

Foto 11 - Com os pais, irmãs e irmãos, na chegada da Ruth do exílio na Alemanha



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Valeu a pena, Ruth?

[...] Valeu tudo, tudo, tudo! Valeu! Inclusive, eu não tenho arrependimentos, nenhum sentimento de culpa, nem de ter deixado de viver o que poderia ter vivido. Vivi intensamente tudo e amorosamente. Não sei definir bem o que é felicidade, mas me sinto inteira nessa história. Eu dei o que tinha que dar, fiz o que tinha que fazer!

Foto 12 - Ruth com seus filhos Davi, Sara e Mariana



Fonte: Acervo pessoal da família Barreto Cavalcante

Com essas narrativas, Ruth resgatou um pouco da memória da resistência à ditadura militar em Fortaleza e no Brasil. Evidentemente, esse passado não é tão passado. As lembranças devem fazer parte de todos que sobreviveram a esse triste período da nossa história. Alguns se culpavam, outros se arrependeram, outros acharam que foi em vão porque a luta atraiu uma pequena parcela da sociedade, porque as massas não aderiram, e muitos outros acharam que lutaram por aquilo em que acreditaram. Porém, Ruth Cavalcante tem a convicção de que fez o que era para fazer. Ruth foi considerada a musa do movimento estudantil em Fortaleza, presente em todas as manifestações e passeatas. Concomitantemente às atividades políticas, trabalhava como educadora. Protagonizou uma fuga espetacular do hospital militar, fez o caminho para o sul do país, se exilou no Chile e na Alemanha, e hoje nos conta sua trajetória, suas escolhas, seus medos, suas angústias e suas felicidades.

Com esta pesquisa, não esgotamos a história da trajetória de vida da professora Ruth Cavalcante, tampouco a história da ditadura no Brasil, mas explicitamos de forma memorativa um pedaço da história da educação, da política e da vida de Maria Ruth Barreto Cavalcante, hoje presença marcante nos eventos que relembram a ditadura, em eventos sobre educação emancipatória e biocêntrica, sobre afetividade, sobre a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que são feitos os dias? De pequenos desejos, Vagarosas saudades, Silenciosas lembranças.

Cecília Meireles

As narrativas autobiográficas são formas de escrita de si, mas que ampliam os horizontes para a escrita e memória coletiva. Essas trajetórias são tecidas repletas de significâncias, grandes lembranças. Após essa experiência bela e riquíssima de poder explicitar a trajetória de vida da professora Ruth Cavalcante, escolhi olhar para mim, uma professora- pesquisadora-aprendente, perguntando: Como me tornei o que sou hoje? Como foi minha trajetória? Como significar meu caminho? Ao transcrever, pratiquei o ato do biografismo. Essa vivência subjetiva de escrever estabeleceu significados culturalmente compartilhados, condicionados pelas vicissitudes da memória de Ruth.

Moita (2007) destaca que a história de vida se torna única, particular da pesquisa que se desenvolve, pois, enquanto o pesquisado conta sua história, narra sua vida, é um momento único, pois aquele momento é do pesquisador e do sujeito. O que eles compartilham não tem como se repetir, e é justamente essa possibilidade que torna a história de vida rica, cheia de detalhes, pois

[...] só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com os seus contextos [...] (MOITA, 2007, p. 116)

Tive a oportunidade de escrever com imagens e filmar com palavras, absorvendo o que mais ninguém pôde absorver através dos relatos da professora Ruth Cavalcante, e que, no entanto, não coube nessas páginas registrar os momentos de

impacto que tive ao ouvir suas experiências. Dois grandes momentos marcaram profundamente a minha pessoa, o meu ser, como mulher, como professora e mãe e que eu não pude explicitar pela ética e posicionamento de uma pesquisadora. As lições de exílio da professora em suas palavras jamais serão esquecidas por mim e a doçura com que falou Ruth Cavalcante da sua vida, das suas lutas, dos seus ideais e da mulher que se transformou influenciada por tudo o que viveu e que aprendeu. Essa troca se explica nas palavras de Fontoura quando, a recolha de uma história de vida e a sua análise, o tratamento dos dados e o discurso sintético posteriores são essencialmente o resultado do encontro de duas pessoas (FOUTOURA, 2007, p. 193).

Para fundamentar ainda mais, busquei em Bosi (2003) a compreensão de que o processo da história de vida é auxiliado pela narrativa, na qual objetos, imagens, recortes de jornais, cartas, convites, permitem que o sujeito conte a sua história, a sua origem. Destaco essa percepção pois, enquanto o sujeito narra sua trajetória/história, cria-se um movimento entre o presente e o passado, configurando um movimento social, contínuo e descontínuo do movimento do processo histórico. Esse processo é permeado por um sujeito que narra, conta sua história, fala de si sobre diferentes momentos que viveu e vive.

Não tive coragem de completar mais nada após a minha última pergunta na nossa última entrevista, porque sua fala me bastou para finalizar o capítulo dedicado às suas narrativas. Bastaram-me suas poucas e fortes palavras. Tentei, em toda a pesquisa, me distanciar enquanto pesquisadora porque tenho uma certa convivência com a família de Ruth para respeitar minha posição de pesquisadora e a dela enquanto narradora, mas, em muitos momentos tive que segurar a emoção e a admiração que sinto pela minha biografada. Para o investigador, um certo vaivém entre a identificação com os narradores e o esforço de distanciação necessária na procura da emergência dos processos de formação conduz a um questionamento sobre os seus próprios processos formativos (MOITA, 2007, p. 118)

Estudar o percurso de professores e professoras permite transitar por diferentes espaços, vivências, sentimentos. Tais experiências, narradas desde a memória dos envolvidos, ajudam

não só a constituir os sujeitos como também a escrever parte da história da educação regional e nacional. A partir do momento em que se evocam memórias singulares, é possível caracterizar parte de um contexto pessoal e coletivo, percebendo semelhanças e diferenças entre as narrativas que ali se desdobram.

Com isso, a narrativa amplia sua perspectiva, deixando de ser percebida pelo sujeito como fechada, sem vida, como se estivesse acontecendo porque deve acontecer. Ao contrário, as narrativas não se preocupam com a linearidade que envolve o espaço-tempo, pois, nesse momento, a memória está "falando" sobre o que o sujeito viveu, articulando o passado, o presente e o futuro enquanto narra sua trajetória/história (ABRAHÃO, p. 210,2004)

Por esse motivo, assumindo a postura de dar voz à professora e as narrativas que partiram da memória que ela possuía de sua vida pessoal e profissional. Nesse movimento entre o passado e o presente a partir do ponto de vista da pesquisa e de suas percepções sobre os fatos, a memória foi importante para compreender ainda mais sua história, sua trajetória, por que,

[...] Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Ruth Cavalcante hoje é uma mulher reconhecida e homenageada nacionalmente, exatamente por ter-se destacado como uma grande militante e como uma excepcional mediadora cultural, papel que desempenha até hoje à frente do Centro de Desenvolvimento Humano - CDH e como professora convidada das instituições de Ensino Superior de Fortaleza. Profere palestras pelo Brasil e no exterior anualmente.

Em 2001, foi agraciada com a Medalha Paulo Freire, pela Câmara Municipal de Fortaleza, outorga que reconhece educadores que deram significativa contribuição à educação do Município. No ano de 2006, recebeu do Governador Lúcio Alcântara o certificado de reparação pública, um ato simbólico de

reparação para quem foi privado do Estado Democrático de Direito e pelos constrangimentos a que foi submetida no período da ditadura. Em 2010, Ruth, recebeu o prêmio Bertha Lutz, no Senado Federal, foi indicada para receber o prêmio pelo Centro Socorro Abreu de Desenvolvimento Popular e Apoio a Mulher e pela União da Juventude Socialista-Ceará – UJS. Esse prêmio foi instituído pelo Senado Federal para agraciar mulheres que ofereceram relevante contribuição na defesa dos direitos da mulher e questões de gênero no país. Em 2014, o Sindicato dos Bancários do Ceará a homenageou com a Comenda Bárbara de Alencar, pela relevante contribuição aos movimentos organizados da sociedade, como militante e educadora. No mesmo ano, a Câmara Municipal de Fortaleza a homenageou pelos 50 anos de Resistência à ditadura militar no Brasil, pela sua dedicação à causa da liberdade e da democracia.

Em 2019, a Companhia de teatro CIA BRAVIA, composta por mulheres artistas e pesquisadoras, composta por Aline Rodrigues, Liliana Brizeno, Herê Aquino, Marina Brito e Marina Brizeno, que se dividem nas funções técnicas e artísticas dentro da companhia, criaram o espetáculo: Das que ousaram desobedecer, que não pôde ser exibido presencialmente em 2020 nos palcos cearenses, por conta da pandemia da COVID-19 que assolou todo o mundo, a peça passou a ser exibida pela internet. A peça, nos relata um pouco da história de algumas mulheres presas políticas do nosso estado, como Maria do Carmo Serra Azul (Cacau), Helena serra Azul, Rosa da Fonseca, Beliza Guedes, Jana Barroso, dentre outras e Ruth Cavalcante. E mais recentemente, um outro estudo acadêmico, intitulado, PEDRA CLARA: HISTÓRIA DE VIDA DE RUTH CAVALCANTE, PEDRA FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA. PARTE I: O BRINCAR DE VIVER, DE 1943 a 1963, do aluno Éverton Furtado Soares, do curso de Especialização em Educação Biocêntrica, da turma de 2018, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, em parceria com com Centro de Desenvolvimento Humano – CDH. se juntam às listas de homenagens à Ruth Cavalcante.

Ruth Cavalcante também é citada em muitos livros e pesquisas referentes ao período da ditadura militar, além de compor com seus depoimentos partes dessas pesquisas. Essas pesquisas tornam possível o redimensionamento de várias problemáticas concernentes à escrita da história e às relações sociais. Eu me

sinto privilegiada por revalorizar um dos muitos atores sociais do nosso estado, alargando nossa compreensão de passado, obtendo assim um devir histórico aberto, que suscite inquietações, dúvidas e incertezas e que possa interessar a todos e todas preocupados com os problemas e a relevância da pesquisa e da escrita histórica. Tentei compreender minha biografada em sua historicidade e respeitar as regras do ofício de pesquisadora me dedicando a desnudar os caminhos e descaminhos de uma vida.

A biografia me proporcionou pensar a minha biografada e a mim mesma, pois falar do outro é falar de si, tentando compreender uma vida em um permanente jogo de espelhos. É uma construção a partir do meu autoconhecimento, das minhas próprias emoções, dos meus valores. Essa pesquisa se cruza com a memória de muitos que vivenciaram a geração dos anos 1960 até 1980. Então, como pesquisadora, tenho como objetivo devolver à sociedade o produto da minha pesquisa, respeitando a ética exigida. Posso afirmar que aprendi mais do que pensei e que a partir da escrita do outro eu me autoformei como professora e como ser humano. Foi a melhor experiência da minha vida acadêmica.

Como Fontoura (2007, p. 193) escreveu, "Contar a sua vida é fundamentalmente passar das recordações às palavras e das palavras às recordações num vaivém de sentimentos.

O mesmo acontecimento pode, por isso, ser contado e recontado de diferentes maneiras". Por outro lado, Bosi (1994; 2003) discorre que a memória não é algo estranho ou distante de nós, mas um desencadeando das lembranças que perpassam o passado até chegar ao presente. Esse processo não segue um caminho ou uma direção, mas se "organiza" à medida que se vai lembrando, narrando.

A partir desse ponto de vista, Bosi (1994) destaca a importância da narrativa para a memória, que o fato de falar aproxima quem fala de quem ouve, visto que "O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual [...]" (BOSI, 1994, p. 56). Com isso, a memória se apresenta por meio da narrativa, não mecanicamente, mas, sim, com uma profusão de sentimentos, de lembranças e de desejos.

Ricoeur (2006) instiga seu leitor a sair do vício cartesiano da dúvida, mas também não considera apropriada a impossi-

bilidade temporal de reconhecimento de Kant. Sua via é a da pluralidade do ser, que muda a cada etapa, a cada novo fato agregado, a cada nova experiência vivida e é esse o pequeno milagre: ser o mesmo em outro, o ser outro em si mesmo. O reconhecimento pressupõe o sentimento de amor, ele ocorre na busca da reciprocidade e da alteridade e é obtido no estado de paz, e não de guerra e/ou violência.

Assim, Ruth Cavalcante significou suas escolhas, suas ações. Não para ser uma heroína, mas para realizar-se como ser humano, como mulher, como ativista, como estudante. Foi esse amor pelo outro, esse sentimento de coletividade que moveu a professora Ruth, a calma para agir, o amor para dar sentido e a mediação para dar ação aos seus ideais.

Enquanto Ruth recordou e narrou sua história, as palavras de Josso (2010) me auxiliaram na compreensão de que essas experiências são sentidas enquanto se fala e, nesse ato, se vislumbra um passado que não é tão longe nem tão distante de quem fala, estando muito mais próximo do que a própria narradora pensa estar.

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é "vivido" na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, nesse continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2010, p. 48).

Espero que as narrativas da professora Ruth Cavalcante, ora expostas aqui, despertem o interesse por novas pesquisas biográficas. O seu nome é emblemático na luta pela justiça social e no campo educacional. Ruth escolheu lutar ao lado do povo, sempre com amor em tudo o que fez e faz. Com essa afetividade, Ruth não foi apenas a aluna que argumentava e reivindicava direitos para todas as pessoas, mas foi uma alfabetizadora mediadora transformando todos os ambientes pelos quais passava, num exercício contínuo de luta, superação e liberdade. Ruth é de todos e todas a quem ensinou, amou e transformou!

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa autobiográfica – tempo, memória e narrativas. In: (Org.). A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, D. B. Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de educação, Porto Alegre, RS, 2001.

ALMEIDA, M. H. T & Weis, L. Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. Em F. A. Novais & L. M. Schwarcz (Org.s). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 4, p. 320-408.

A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANGELO, Vitor Amorim de. Força Expedicionária Brasileira: brasileiros lutaram na 2ª Guerra. In: UOL Educação Pesquisa Escolar: história do Brasil. Especial para p.3 Pedagogia e Comunicação. 25 mar. 2013. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/forca-expedicionaria-brasileira-brasileiros-lutaram-na-2-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 21/02/2018.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. Em M. D. Priori (Org). História das mulheres no Brasil. 7.ed.. São Paulo: Contexto, 2004., p. 607-639.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. Em M. D. Priori (Org). História das mulheres no Brasil. 7.ed.. São Paulo: Contexto, 2004., p. 607-639.

BECQUÉT, Valérie, (org.) Jeunesses engagées, Coll. GERME, Paris: Syllepse, 2014.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1994.

BRITO, da Motta, A. Gênero, idades e gerações. Caderno de CRH, Salvador, v. 17, n.42., p. 350-351, 2004.

CASTELO, Plácido. História do ensino no Ceará. Fortaleza: IOCE, 1970.

CATANI, A. M. Expansão do acesso à educação superior no Brasil: alguns desafios. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 178, 2008.

CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, César Wagner de Lima. Educação Biocêntrica – Ciência, Arte, Mística, Amor e Transformação. Fortaleza. Edições CDH, 2019.

DEL PRIORE, M. Da modinha à revolução sexual: história do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.p. 231-269.

FARIAS, Airton. Além das Armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a Ditadura Militar (1968-1972). Fortaleza, CE: Edições Livro Técnico, 2007.

FERNANDES, Maria Estrêla Araújo. O curso de Pedagogia da UFC: uma resenha histórica 1963 a 1990). Fortaleza, CE: Edições UFC, 2014.

FERREIRA, P. C. Investimento em Infra-estrutura no Brasil. Fatos Estilizados e Relações de Longo Prazo. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 231-252, ago., 1996.

FONTANA, Josep. La história después del fen de la história. Barcelona, Crítica, 1992. FONTOURA, Maria Madalena. Ficou ou vou-me embora? In: NÓVOA, Antonio (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

JOSSO, Marie Christine. Experiências de vida e formação. Tradução de José Claudio, Julia Ferreira. 2 ed. ver. e ampl. Natala, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JR. MAIA, Edimilson Alves. Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (1962-1969), Fortaleza, CE: Edições UFC, 2008.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita do professor. In: (Orgs.) Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 1996.

LEVI, G. "Os usos da biografia." In. FERREIRA, N. M.; AMADO, J. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 1996.

MELO, Francisco Egberto de. Práticas de clientelismo, educação planejada e sonho da redenção humana em torno do PLAMEG – Plano de Metas do Governo Virgílio Távora (Ceará, 1963-66). 2013. 284f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In.: NÓVOA, Antonio (org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

MUNIZ, C. Flávio. A monitoria no curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará: entre a especialidade técnica e a formação docente na década de 1970. Dissertação de Mestrado. 2014.

NEVES, F. M. História da Educação no Brasil – considerações historiográficas sobre a sua constituição. In: NEVES, F.M; RODRIGUES, E; ROSSI, E. (Org). Fundamentos históricos da educação no Brasil. Maringá: EDUEM, 2005.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Portugal: D. Quixote, 1998.

. O regresso dos professores. In: CONFERÊNCIA: DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES PARA A QUALIDADE E PARA A EQUIDADE DA APRENDI-

ZAGEM AO LONGO DA VIDA. 27 a 28 de set. 2007., Lisboa. Anais... Lisboa: Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, 2007.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação : gênese de uma corrente de pesquisa- ação-formação existencial . Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, 2006.

REVEL, J. A biografia como problema historiográfico. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFRN, 2010.

RICOUER, Paul. O percurso do reconhecimento. São Paulo, SP: Editora Unicamp, 2007.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SCHMIDT, J. P. Juventude e política no brasil: socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2001.

SOARES, F. Éverton. PEDRA CLARA: HISTÓRIA DE VIDA DE RUTH CAVALCANTE, PEDRA FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA. PARTE I: O BRICAR DE VIVER, DE 1943 a 1963. Monografia apresentada do Curso de Especialização em Educação Biocêntrica – A Pedagogia do Encontro, da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) em parceria com o Centro de Desenvolvimento Humano (CDH), 2018.

TRIGO, M. H. B. A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero. Em C. Bruschini & B. Sorj (Org.s). Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil São Paulo: Marco Zero; Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 89-110.

VASCONCELOS, J. G. & ARAÚJO, M. M. Narrativas de mulheres educadoras no contexto autoritário brasileiro (1964-1979). Fortaleza, CE: Eduece, 2016.

VAITSMAN, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ANOS 50: a década de 1950: cultura, arte, música, cinema, política, guerras, ciências, tecnologia, história. In: Sua pesquisa.com - Portal de Pesquisas Temáticas e Educacionais[sítio]. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos.50.htm>> Acesso em 16/02/2018.

História do Brasil. Disponível em: <<https://educação.uol.com.br/disciplinas/historia.brasil>> Acesso em 21/02/2018.

Pedra Branca. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/dtbs/ceara/pedrabranca.pdf>> Acesso em 12/02/2018.

Das que ousaram desobedecer. Disponível em: <https://hi-in.facebook.com/casaabsurda/videos/estreia-das-que-ousaram-desobedecer-ciabracia-dire%C3%A7%C3%A3o-hereaquinocasa-absurda-tem/576798256997737/>

ANEXOS

Foto 13 - Ruth e sua irmã Myrtes.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 14 - Ruth com as irmãs.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 15 - Ruth na Alemanha



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 16 - Ruth com as irmãs e os pais na sua chegada da Alemanha



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 17 - 1989 Todos irmãos e irmãs – 70 anos da mãe Ana Barreto



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 18 -1996 – Formação com Paulo Freire



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 19 - Vivências com índios no Rio Grande do Sul – Guaraius 2000.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 20 - 2014 Homenagem na Câmara Municipal de Fortaleza.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 21 - 2015 Com o filho Davi, as filhas Mariana e Sara e a neta Mel – Homenagem na Assembleia Legislativa do Ceará



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 22 - Sítio Buenos Aires



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 23 - Momento da última entrevista, fev/2018. Ruth e Erbênia.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 24 - Ruth com as filhas Mariana e Sara e a pesquisadora Erbênia no CDH.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 25 - Ruth e suas netas Mel, Ana Liz e Vicente no Canadá.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Foto 26 - Ruth visitando o filho Davi que mora no Canadá, com suas filhas Mariana e Sara.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

APÊNDICES

Imagem 1: Diário do Nordeste – Edição Especial – 30 anos do Golpe Militar. Homenagem as mulheres da ditadura.

Cenas de um passado

... a luta era travada pelo movimento estudantil, sem apoio dos trabalhadores. Igual ao resto do País, a cidade teve um primeiro semestre de 68 repleto de passeatas, confrontos, prisões, assembleias. Era a contestação juvenil confundindo-se com a política.

Esse período da História do Brasil está sendo cada vez mais revisitado, estudado e revisado. A história de pessoas envolvidas com esse drama também serve de fonte para inúmeros livros e filmes. Mas as mulheres agentes, protagonistas que estiveram à frente da resistência e até pegaram em armas, não têm o mesmo reconhecimento, por vezes ficando ausentes dos registros, oficiais ou não.

Elas ganham evidência em alguns poucos livros, como "Mulheres que foram à luta armada", do jornalista Luiz Maklouf, do Jornalho, e no "Militância e memória", de Elisabeth Ferreira. No primeiro há dados de que 80 mulheres atualmente vivas estiveram realmente envolvidas em circunstâncias da luta armada. Também no dossiê dos mortos e desaparecidos ("Brasil nunca mais", de Paulo Evaristo Arns) aparecem mais 24 mortas e 290 desaparecidas. E ainda em 707 processos judiciais militares, dos 7.367 cidadãos brasileiros denunciados perante a Justiça Militar por atuarem contra a ditadura, 12% eram mulheres, o que chega a 884.

O resgate desse tema é feito aqui por três mulheres cearenses e uma pernambucana que veio morar aqui devido às perseguições políticas. Elas merecem o reconhecimento e servem de exemplo para quem deseja revolucionar, senão o mundo, pelo menos sua própria vida. Depois de tanta luta, hoje todas são vitoriosas, como mulheres, mães e profissionais.

MUSA ESTUDANTIL - Ruth Cavalcante, hoje com 55 anos, era considerada a musa do movimento estudantil em Fortaleza. Esta loira dos-olhos azuis foi a primeira mulher a entrar na direção do Diretório Central

dos Estudantes (DCE) da UFC, eleita como vice-presidente. Articuladora e líder respeitada, em 68 ela estava em todas as passeatas, concentrações e confrontos. Paralelo às atividades políticas, trabalhava como educadora, através do método Paulo Freire para alfabetizar adultos.

Além de bonita, a militante virou quase uma lenda ao protagonizar uma fuga espetacular do Hospital Militar, em 19 de abril de 69 - sua segunda prisão, pois a primeira foi no Congresso da Une em Ibiúna, onde ela era a única mulher entre os 10 delegados cearenses. Ruth conta que enganou os guardas e trocou de lugar com sua irmã, cujo tipo físico era parecido com o seu.

Após a fuga, a militante ainda foi para o Sul do Brasil. "Eu assumi o codinome de Raquel, tinha carteira de identidade, trabalhava, etc", revela Ruth. Já em 73, com a situação agravante, ela fugiu com seu ex-marido para o Chile e no ano seguinte seguiram para a Alemanha. Foi lá no exílio onde nasceu sua primeira filha, Mariana, com Síndrome de Down, e que no dia 11 lançou um livro sobre a sua vida, no qual a mãe com certeza é uma personagem principal.

CLANDESTINA - A pernambucana Tereza Albuquerque, 52 anos, veio para o Ceará como clandestina, fugindo de uma prisão decretada em 69 no Recife, onde a repressão era mais severa. Descendente de uma família de militantes, ela não fugiu à regra e filiou-se ao PCB. Aqui mudou de partido e foi para o PC do B.

De Fortaleza ela seguiu para o Chile e depois para a Guerrilha do Araguaia, com o seu codinome de Ana. Lá Tereza alfabetizava e politizava mulheres na área. Mas ela também aprendia a manusear armas. "Meus companheiros do Araguaia me consideravam uma boa atradora".

1

2

3

Diário do Nordeste

Fortaleza, Ceará - Domingo, 20 de dezembro de 1998

1. Ruth Cavalcante com a filha Mariana; 2. Tereza Albuquerque e a filha Isabela; 3. Helena Serra Azul e seu filho Emanuel

Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 2: Placa de Reparação Pública do Estado do Ceará.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 3: Certificado de Homenagem do Senado Federal. Prêmio Bertha Luz.



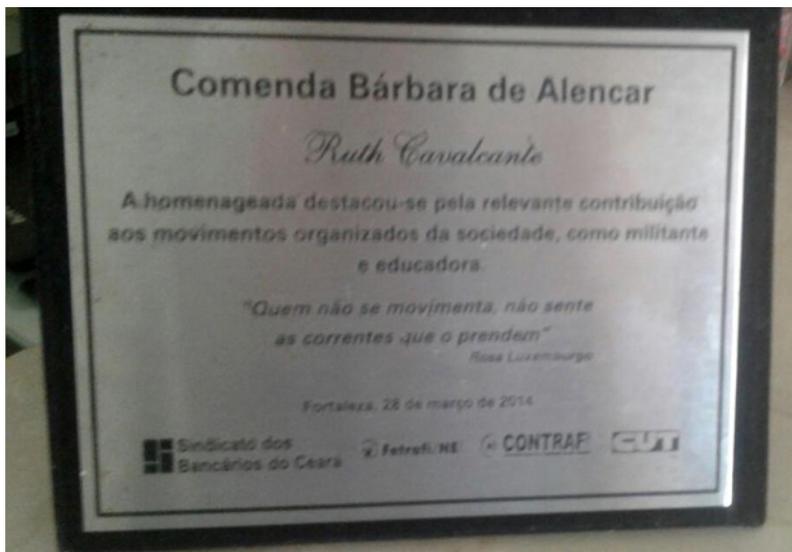
Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 4: Placa de Homenagem do Senado Federal. Prêmio Bertha Luz.



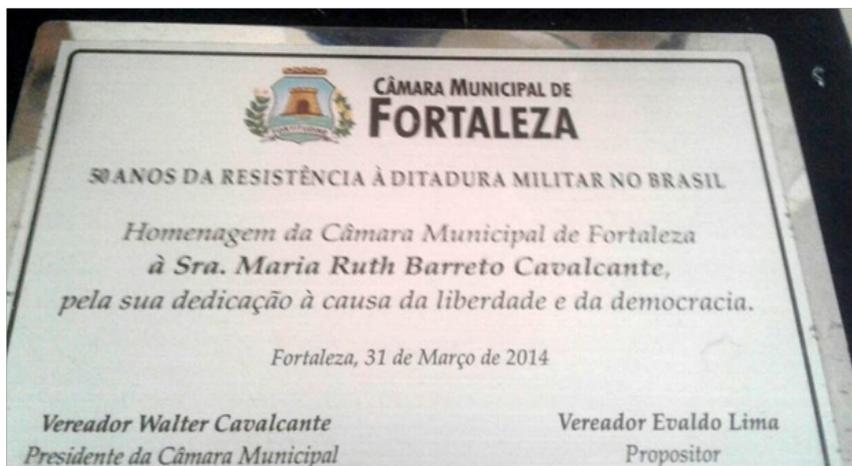
Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 5: Comenda a Ruth Cavalcante homenageada pelo Sindicato dos Bancários do Ceará.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 6: Homenagem a resistência feminina dos 50 anos do golpe militar.



Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 7: 2011 – Senado Federal.



Fonte: TV Senado, 01-03-2011

Imagem 8: 2019 – Reexibição do Especial Memória e verdade de 2016, em homenagem à Maria do Carmo Serra Azul. .

4a feira (01/05) – Memória e Verdade: Rute Cavalcante



Fonte: TV Ceará, 01-05-2020

Imagem 9: Convite para participação no Projeto Memória do Movimento Infantil.



Rio de Janeiro, 07 de Julho de 2005.

**Ilma. Sra.
Ruth Cavalcante**

Assunto: Convite para evento do Projeto Memória do Movimento Estudantil

Prezada Ruth Cavalcante,

É com grande satisfação que gostaríamos de convidá-lo para participar do ato de doação de documentos do **Projeto Memória do Movimento Estudantil**, a ser realizada no Auditório 3 bloco Q, da Universidade Estadual do Ceará, no 19 de julho de 2005 às 18 horas.

O ato faz parte das atividades desenvolvidas pelo **Projeto Memória do Movimento Estudantil** e tem como objetivo incentivar a campanha de doações de documentos para organização de um acervo sobre a história do movimento estudantil brasileiro para ser doado a União Nacional dos Estudantes.

O **Projeto Memória do Movimento Estudantil** é uma parceria da União Nacional dos Estudantes (UNE), Museu da República, TV Globo e Fundação Roberto Marinho e é patrocinado pela Petrobras, com benefício da Lei de Incentivo à Cultura.

O **Projeto Memória do Movimento Estudantil** visa a reunião, organização, preservação e divulgação da memória da participação dos estudantes na política nacional. Através de uma ampla pesquisa em acervos públicos e privados, do resgate dos principais documentos deste movimento e do registro de depoimentos de personagens importantes, o projeto espera recuperar uma parte essencial da memória política brasileira, disponibilizando as informações e também incentivando o conhecimento desta história.

A realização desse ato de doação de documentos sobre o movimento estudantil é uma etapa fundamental para se atingir os objetivos do projeto e, desde já, agradecemos a sua participação.

Cordialmente,

Silvia Fingerut

RUA SANTA ALEXANDRINA 336, RIO COMPRIDO – RIO DE JANEIRO / RJ – CEP.: 20261-232
TEL.: (21) 3232-8800 / HOME PAGE - <http://www.fm.org.br>

Imagem 10: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.1.

68
O ano que
mudou o mundo

M EXTRA

*Ruth Cavalcante
junho/93*

**A
REBELIÃO
DA
JUVENTUDE**

8

Márcio Moreira Alves

A princípio, os estudantes apenas faziam manifestações por mais vagas nas faculdades. Mas a ditadura reagiu com tal violência que a indignação cresceu e os protestos chegaram ao seu clímax com a morte do estudante Edson Luís, em março, e uma passeata de cem mil pessoas, em junho, na Avenida Rio Branco, Rio. Nesta oitava parte do seu exame dos acontecimentos de 1968, Márcio Moreira Alves opina que a incompetência do MEC e a brutalidade da polícia foram os criadores da revolta estudantil. Pretexto de que os militares se serviram para endurecer o regime, até a morte da democracia.



Unida pela indignação, a classe média dá-se as mãos e solta a voz em protesto contra a ditadura, na Passeata dos Cem Mil, no Rio.

Walter Firmo/AMAZONIA

Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 11: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.2

O MEC incompetente e a polícia violenta criaram o movimento estudantil revolucionário

Em 1968 a massa estudantil não saiu às ruas para derrubar a ditadura. Muito menos queria implantar o socialismo, o comunismo ou qualquer outro ismo no Brasil. A massa estudantil saiu para as primeiras manifestações de protesto em busca de melhor inserção no mercado de trabalho do país hipercapitalista que crescia sob a batuta de Delfim Netto e dos seus *Delfim Boys*.

O que a maioria dos estudantes reivindicava quando começou a ocupar o pátio do Ministério da Educação, no centro do Rio, em fevereiro, era um pedaço maior do bolo. Sabia que esse pedaço só estaria ao alcance das suas mãos se conseguisse uma vaga em alguma faculdade. Quem queria o comunismo, o maóismo, o guevarismo, o socialismo era uma minoria de estudantes politizados, já agrupada em organizações clandestinas. Com o correr do tempo e o aumento da repressão, esses jovens politizados iriam fornecer a liderança de um movimento que, na verdade, não foi criado por eles.

Quem criou o movimento estudantil revolucionário no Brasil foi o Ministério da Educação, pela sua incapacidade em responder com ofertas de ensino à demanda dos jovens, e a polícia, baixando o cassetete na cabeça de quem reivindicava a chance de arrumar um emprego melhor quando entrasse no mercado de trabalho.

O Ministério da Educação estava entregue no governo Castello Branco a um paranaense chamado Flávio Suplicy de Lacerda, que ganhara os seus quinze minutos de notoriedade mandando queimar livros esquerdistas no pátio da Universidade do Paraná. Quem é capaz de



queimar um livro é capaz de assar uma criança.

Em 68, o ministério passara às mãos de um político gaúcho, Tarso Dutra, que entendia tanto de educação quanto qualquer um de nós entende de engenharia genética: ou seja, nada.

As polícias estaduais eram comandadas por oficiais do Exército afimados com as doutrinas contrainsurrecionais dos Estados Unidos e supervisionados pela Comunidade de Informações nascente. Eles viam em qualquer contestação uma insurreição, em todo jovem um comunista.

A NOVA CLASSE REVOLUCIONÁRIA?

A teoria política marxista tem um dogma: no capitalismo, quem faz a revolução é a classe operária. Marx foi categórico ao escrever que o capitalismo industrial era o primeiro modo de produção que fazia também os seus próprios coqueiros. Só que isso foi escrito em meados do século passado e daí para cá o capitalismo demonstrou uma insuspeitada flexibilidade, não só científica e tecnológica, como também humana. Nos países industrializados, os operários conseguiram um nível de vida suficientemente confortável para se acomodarem ao sistema. Em muitos casos, tornaram-se até con-

servadores. Eles e as suas organizações sindicais, como as grandes centrais norte-americanas, e políticas, como os partidos comunistas da França e da Itália.

Em maio de 68, depois das batalhas entre estudantes e policiais nas ruas de Paris, houve uma greve geral. Greve geral é que paralisa o conjunto da sociedade. Nos manuais revolucionários do princípio do século e nas teorias de líderes comunistas como Rosa Luxemburgo, a greve geral é o trampolim para o assalto ao poder. Só que, no caso francês, ela foi a antecâmara de um pacto estabilizador, firmado entre o primeiro-ministro conservador Georges Pompidou, a direção da CGT, Confederação Geral dos Trabalhadores, e o Partido Comunista. Os trabalhadores embolsaram um aumento de 35% e deixaram os estudantes falando sozinhos.

A partir das rebeliões estudantis dos anos 60, alguns analistas levantaram a hipótese de serem os estudantes a nova classe revolucionária. O mais famoso desses teóricos foi o filósofo alemão radicado nos Estados Unidos, Herbert Marcuse. Alguns intelectuais brasileiros também apoiaram essa tese. O objeto da revolta não seria o capitalismo ou o comunismo, enquanto modo de produção, mas a sociedade industrial moderna, responsável pela desumanização do homem.

EXTRA

Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 12: Reportagem especial da participação da juventude no Brasil contra a ditadura p.3

A agitação estudantil e a guerrilha urbana foram pretextos para o fim da democracia

Tiveram de passar horas, rapazes e moças, deitados de bruços no chão, mãos no pescoço, apanhando e sofrendo vexames.

As fotografias e os relatos do dia seguinte indignaram a classe média a um ponto nunca visto. No interior das Forças Armadas, em grande parte ainda concentrada no Rio, a boçalidade também provocou protestos. Muitos dos presos eram filhos e filhas de militares.

A Passeata dos Cem Mil, comandada por Wladimir Palmeira, presidente da UME, União Metropolitana de Estudantes, filho de um senador da Arena de Alagoas e militante da DI-GB, dissidência da Guanabara do Partido Comunista Brasileiro, foi a última a poder se desenvolver sem repressão policial. Reuniu, em um belo dia do tépido inverno carioca, artistas de teatro, cantores, intelectuais, políticos, padres, freiras, profissionais liberais, milhares e milhares de estudantes, mas Nelson Rodrigues não deixava de ter razão quando comentou: "Só não vi um preto ou um operário." Não era mesmo para ver. Aquilo era a classe média nas ruas, e a classe média no Brasil não tem presos. É quase escandinava.

A MARCHA DO GOLPE

Menos de dois meses mais tarde, a 12 de agosto, a Comunidade de Informações iria decapitar de um só golpe a liderança estudantil do país. Confiantes no sucesso das manifestações de ruas e enlouquecidas pelas disputas de poder no interior do movimento, as lideranças dos diversos grupos de esquerda acharam que tinham suficiente organização e segurança para reunir um congresso clandestino da UNE com muitas centenas de participantes.

O congresso, com mais de mil par-

No mesmo dia da prisão dos estudantes em Ibiúna, às 8h15min da manhã, um comando de três militantes da VPR, Vanguarda Popular Revolucionária, assassinava em São Paulo o Capitão Charles Chandler, do Exército dos Estados Unidos, com 14 tiros de metralhadora. Chandler estudava português, língua que pretendia ensinar na Academia de West Point. Fora combatente no Vietnã, estrategista em contra-insurreição na aldeia de Quan Bo Tri, no delta do Mekong. Esses dados, mais o fato de se haver tornado conhecido dos estudantes por ter participado de um debate na Universidade de Campinas, fizeram a VPR considerá-lo espíneo e, potencialmente, instrutor de torturas.

O ato terrorista da VPR e o congresso da UNE, somados às outras ações de guerrilha urbana já conhecidas e à agitação nas ruas, levaram o chefe do SNI, General Emílio Garrastazu Médici, e os oficiais da Comunidade de Informações, aliados ao General Jayme Portella, chefe da Casa Militar da Presidência, a apressarem a busca de um pretexto para um novo ato institucional e a abolição do que restava de democracia.

No dia 29 de agosto de 1968, às 10 da manhã, tropas da Polícia Militar do Distrito Federal e do Exército cercaram o campus da Universidade de Brasília com a desculpa de procurar Honestino Guimarães, então foragido. Os estudantes estavam nas suas salas de aula e nos laboratórios, que foram invadidos a patadas. Levados para a Praça Central, começaram a ser espancados. Houve corre-corre, tiros, e uma bala atingiu a cabeça de um rapaz, que assistia à cena de um terceiro andar.

Muitos dos alunos da Universidade de Brasília são filhos dos parlamentares, dos juizes e dos altos funcionários do Executivo. Atacá-la de surpresa e violentamente era uma provocação premeditada, que não poderia deixar de criar um tremendo caso político.

Nas seqüências da invasão e do espancamento de vários parlamentares, choveram inflamados discursos de protesto na sessão da tarde na Câmara dos Deputados, no período para curtas declarações conhecido por *Pinga-Fogo*. Um deles serviu de pretexto para o golpe. Foi o discurso de cinco minutos que pronunciou.



As tropas escoltaram os presos no congresso da UNE em Ibiúna. Entre eles, os principais líderes estudantis.

ticipantes vindos do Brasil inteiro, reuniu-se no sítio de um velho militante comunista em Ibiúna, município hortigranjeiro a 70 quilômetros de São Paulo. Como era de esperar em um país onde há políticos que consideram comícios reuniões de mais de três pessoas, o congresso foi descoberto. Resultado: mais de 700 presos, inclusive Wladimir Palmeira, Luiz Travassos, o líder da AP paulista, Franklin Martins e muitos outros.

Na próxima semana: A Resistência dos Políticos.

EXTRA

Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

Imagem 13: Arquivo Pessoal, professora Ruth Cavalcante.

PROCURA-SE TERRORISTAS



JOSÉ MONTENEGRO



MÁRIO ALBERTO FIGUEIREDO



JANA BARROSO



BERCSON CORADO



PEDRO ALBUQUERQUE



RUTH CAVALCANTE



HELENA SERRA AZZI



FRANCISCO MONTIeiro



DAVI CAPISTRANO



ORLAY CARVALHO

Onde estão eles? Procure Saber.
 A Anistia está fazendo 20 Anos
 25 anos da morte de Frei Tito de Alencar

Programação Ceará - Agosto/99

<p>07 - Sessão Especial da Igreja Católica 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p> <p>10 - Vítimas no túnel de Frei Tito 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p> <p>11 - Lançamento de livro de memória 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p> <p>14 - P. Encontro Estadual de Anistia 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p>	<p>19 - Sessão Solene 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p> <p>20 - Lançamento de documento nacional de resistência para construção de memória na PIA. CENA Brasília 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p> <p>24 - Sessão Solene e Lançamento de Livro Comemorativo 19h - 20h - Igreja Católica do Ceará - 10h - Igreja Católica</p>
---	--

Comissão de Verdade e Justiça
 do Estado do Ceará

Projeto Memória do Estado do Ceará

Ministério da Cultura e Folia

Escolas, Igrejas, Universidades, Associações, Comunidades, Grupos

Organização: Comissão de Verdade e Justiça do Estado do Ceará

Assessoria: Comissão de Verdade e Justiça do Estado do Ceará

Assessoria: Comissão de Verdade e Justiça do Estado do Ceará

Assessoria: Comissão de Verdade e Justiça do Estado do Ceará

Fonte: Acervo pessoal Ruth Cavalcante

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Mesa Diretora

Biênio 2021-2022

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Danniel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário

INESP

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo
Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França, Edson Frota e João Alfredo
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni
Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação

Valquíria Moreira
Secretária Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha, Vânia Monteiro Soares Rios e Sandra Bastos Mesquita
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: [http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/
instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara](http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara)

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora
2021-2022**

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário